

## Avante, pela difusão do conhecimento científico

Completar 25 anos foi bom, muito bom. Trouxe à memória as muitas ações e embates travados em favor do fortalecimento das editoras universitárias brasileiras, que fabricavam nos idos de 1987 “um livro quase clandestino”, no entender de especialista do setor privado<sup>1</sup>. O programa da nossa associação, naqueles primórdios, investia na difusão pioneira da produção literária universitária e na democratização do acesso para todos os leitores. As primeiras metas foram alcançadas, outras se seguiram atendendo às novas demandas e desafios, num trabalho cooperativo, aberto e democrático que congrega 111 editoras. As comemorações seguiram a filosofia da ABEU, engajadas na contínua melhoria das condições de produção e promoção para todas as associadas. Assim, na homenagem prestada pelo Congresso Nacional em sessão conjunta, foi apresentada a proposta de reconhecimento legislativo do papel, do lugar e dos objetivos finalistas das editoras universitárias dentro das universidades brasileiras.

Agora, inicia-se uma nova etapa de olho nos próximos anos. Um reinício, nas palavras do presidente José Castilho Marques Neto, em um momento de compromisso com a Educação<sup>2</sup>. Terá a marca de todos nós, que é a marca da cooperação, da amizade que só o livro proporciona, completou.

A presente edição pretende refletir esses ideais de fraternidade, vivenciados - e aqui retratados - no encontro de Curitiba e, ao mesmo tempo, discutir os desafios propostos pela modernidade tecnológica de produção e as tendências do mercado livreiro. Contribuíram ao arco temático: Leilah Santiago Bufrem e Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia, com *A editora universitária diante dos desafios e tensões da institucionalização de suas práticas*; Cristiane de Magalhães Porto e Lívia Lima Lessa, com *Comunicação da Ciência: Reflexões sobre a importância da criação de uma Cultura Científica no País*; Emir Suaiden, com *Desafios da disseminação da informação e do conhecimento na era digital e do acesso aberto*; Antonio Gilson Gomes Mesquita, com *Editoras universitárias da Amazônia na era digital*; Maria das Graças Monteiro Castro, com *O livro como indicador de produção e produtividade acadêmica: a política de publicação das Editoras Universitárias Brasileiras*.

Na seção Especial América Latina, destaque para os artigos<sup>3</sup> *Piedra, papel y... bytes. Los desafíos de la edición universitaria*, de Hilda Elena Hernández Carmona, vicepresidenta da Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe, e *Algunos apuntes sobre el debate colombiano relativo a la calidad de la edición universitaria*, de Nicolás Morales Thomas, presidente da Asociación de Editoriales Universitarias de Colombia (ASEUC).

Compartilhando preocupações, ideias e propostas podemos, juntos, caminhar outros tantos anos, realizando as mudanças necessárias à difusão do conhecimento científico e à formação de novas gerações de leitores, críticos e ávidos por compartilharem da construção de uma sociedade efetivamente de todos nós.

Avante, pois, e boa leitura.

<sup>1</sup> Manifestação de José Castilho Marques Neto, no Congresso Nacional, Brasília, em outubro de 2012.

<sup>2</sup> Saudação na XXVI Reunião Anual da ABEU, PUCPR, Curitiba, em maio de 2013.

<sup>3</sup> Os textos integram o livro *Edición universitaria em América Latina: debates, retos, experiências*, publicado em agosto de 2011.

# registros verbo.

**B**oas-vindas às novas associadas – Desde setembro 2012, ingressaram: Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); Imprensa Universitária Adventista (Unaspress), editora do Centro Universitário Adventista de São Paulo; UNOPAR Editora, de Londrina/PR; Editora do Centro Universitário Augusto Motta (Editora Unisuam), do Rio de Janeiro; Editora do Complexo de Ensino Superior Meridional (Editora IMED); Editora da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR Editora); Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (Editora UFSC).

**Números** – A pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, em sua terceira edição, apontou que o brasileiro lê, em média, quatro livros por ano, sendo dois inteiros e dois em parte. A população brasileira divide-se igualmente (50% para cada lado) entre leitores e não leitores. Entre os leitores, as mulheres lideram, com 53%, contra 47% do sexo masculino. A pesquisa é de 2012.

**Câmara Brasileira do Livro I** – Karine Pansa foi reeleita, em 22 de fevereiro deste ano, para comandar a CBL no biênio 2013-2015. Parabéns.

**Câmara Brasileira do Livro II** – As universidades continuam representadas na CBL, integrando o Conselho Consultivo e de Fundadores. Foram eleitos o presidente da ABEU, José Castilho Marques Neto, da Unesp, e o Diretor de Comunicação, Marcelo Luciano Martins Di Renzo, da Leopoldianum, além do Coordenador de Planejamento Editorial da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Carlos Taufik Haddad - também associado ABEU.

**No comando do PNLL** – O presidente da ABEU, José Castilho Marques Neto, reassumiu o cargo de secretário executivo do Programa Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que ocupou entre 2006 e 2011, após aceitar o convite da ministra Marta Suplicy. No cargo pró-bono, ele retoma as prioridades definidas inicialmente no âmbito do PNLL. Uma das metas mais importantes é instituí-lo por meio de legislação, para torná-lo de fato uma política de

Estado. E pretende reativar os projetos para a área de leitura, destacando-se a criação do Instituto Nacional de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (que gerenciaria o PNLL) e o Fundo Nacional do Livro e Leitura, além de retomar as políticas de fomento à leitura e às bibliotecas, inclusive o projeto Bibliotecas Vivas, que prevê investimentos na formação de mediadores de leitura, ampliação de acervos e informatização.

**Parceria internacional** – Representantes de Editoras Universitárias (REUN) e do Ministério da Educação da Argentina estiveram em São Paulo, nos dias 5 e 6 de setembro, com o objetivo de estabelecer negócios entre os dois países, como parcerias de co-edição, comercialização de livros e participação em diversas feiras internacionais. A primeira reunião entre a Red de Editoriales Universitarias Nacionales (REUN) e a ABEU aconteceu no dia 5 de setembro, com a diretoria da ABEU. Participaram, pela Argentina: Leonardo Gonzalez, Universidad Nacional de La Plata; Dario Stukalsky, Universidad Nacional de Gral. Sarmiento; Pilar Peneyrua, Universidad Nacional de Cuyo; Carlos Gazzera, Universidad Nacional de Villa Maria; Emanuel Damoni, Programa de Promocion de la Universidad Argentina - Secretaria de Políticas Universitarias - Ministerio de Educación / Presidencia de la Nación; Gonzalo Entenza, Primeiro Secretário da Embaixada da Argentina no Brasil; pela ABEU: José Castilho Marques Neto, Presidente; Rubens Mandelli, Secretário Executivo; Marcelo Di Renzo, Diretor de Comunicação; Joana Figueiredo e Eduardo Abrunhasa, Editora Mackenzie; Léia Alves de Souza, Editora Metodista.

**Prêmio Jabuti 2012** – Na 54ª edição do Prêmio Jabuti, a Editora Civilização Brasileira e a Editora da Universidade Federal do Piauí, associadas à ABEU, venceram, em primeiro e segundo lugar, respectivamente, na categoria Ciências Humanas, com as obras “A política da escravidão no Império do Brasil: 1826-1865”, de Tamis Parron e “Ritmo espontâneo: organicismo em Raízes do Brasil de Sergio Buarque de Holanda, de João Kennedy Eugênio. Além destas, a Editora Fiocruz, também associada,

ficou em 1º lugar com a obra “Fundamentos da Paleoparasitologia”, organizada por Luiz Fernando Ferreira, Karl Jan Reinhard e Adauto Araújo, na categoria Ciências Naturais. Também estiveram na primeira lista dos livros indicados: Editora da Universidade Estadual de Londrina, Editora da Universidade do Estado da Bahia, Fundação Editora da Universidade Estadual de São Paulo, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Editora da Universidade Federal do Paraná.

#### **Em circulação**

**26ª Feira Internacional do Livro de Guadalajara**, entre os dias 24 de novembro e 2 de dezembro de 2012. José Castilho Marques Neto, presidente da ABEU e da Editora da UNESP, foi mediador da mesa “Hacia la libre circulación del libro”, além de um dos palestrantes da mesa “Políticas Públicas de lectura en América Latina”. A diretora de Eventos da ABEU e da Editora da UFBA, Flávia Garcia Rosa, e o editor executivo da Editora Fiocruz, João Carlos Canossa Mendes, também compareceram, atuando no V Fórum Internacional de Edição Universitária e da segunda reunião de Editoras Universitárias da América Latina, que teve como pautas a discussão sobre a plataforma eletrônica para sediar o catálogo de produção universitária da América Latina e a apresentação do modelo estatístico do CERLALC - Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe.

**Feira de Livros de Frankfurt de 2012**, em outubro. A novidade do evento foi o Corredor Universitário Latino-americano, espaço voltado para a reunião de editoras universitárias da América Latina. O espaço brasileiro recebeu cerca de 50 expositores, levados pela ABEU.

**X Feira Universitária do Livro de Curitiba**, organizada pela editora UFPR em setembro de 2012.

**2º Congresso de Editoras Universitárias do Equador**, evento promovido pela Red de Editoriales Universitarias y Politécnicas de Ecuador (Reupde), em janeiro de 2013. O presidente da ABEU, José Castilho Marques Neto, apresentou palestra acerca do perfil e o desempenho das editoras universitárias no Brasil, abordando as dificuldades da edição de títulos acadêmicos no país e, ainda, o crescimento do livro digital nessa área.

**I Feira Internacional do Livro Universitário da Costa Rica**, entre 12 e 17 de março, na cidade de Heredia. A ABEU organizou um estande coletivo.

**II Encontro do Fórum de Pró-Reitores de Pós-Graduação e Pesquisa**, em setembro de 2012, em Maceió. A diretora de Eventos, Flávia Rosa participou da mesa “A editoração de livros e o desenvolvimento de pesquisa e pós-graduação na Região Nordeste”. Dentre os assuntos abordados, estavam a relação entre as editoras universitárias e os programas de pós-graduação e o panorama atual da indústria editorial no nordeste brasileiro.

**X Bienal Internacional do Livro do Ceará**, em novembro de 2012. Participam do estande de 40 m<sup>2</sup> as editoras associadas UEFS Editora, Editora UFV, Editora UEPG, Editora UNIVALI, EDUFBA, SEGRASE - Diário Oficial, ARGOS Editora da Unochapecó, Editora MAS-SANGANA, EDUEL, EDIPUCRS, EDUFRN, Editora UFJF, EDUFU, Editora CHAMPAGNAT, EDIFIEO, Editora LEOPOLDIANUM, Editora FIOCRUZ, EDUECE e Museu Paraense Emílio Goeldi.

**32ª Feria Internacional del Libro Infantil y Juvenil (FILIJ)**, no México, em novembro 2012. O presidente, José Castilho Marques Neto, apresentou a palestra “La cultura lectora, fundamento para La construcción de sociedades democráticas”.

**39ª Feira Internacional do Livro de Buenos Aires**, de 25 de abril a 13 de maio de 2013, a ABEU organizou um estande coletivo.

**Agenda latino-americana I** - O prof. Carlos Gazzera, da REUN, durante a reunião de Curitiba, explicou que, pela primeira vez, será realizada uma atividade diferenciada no quarto dia da Feira de Frankfurt deste ano, promovendo reunião de editoras ibero-americanas, com conferências e oficinas de trabalho.

**Agenda latino-americana II** - Ele informou ainda que, na sequência da feira alemã, haverá uma reunião de editoras latino-americanas na Casa da Argentina, em Paris, convidando as editoras brasileiras a participarem de ambos eventos.

**Agenda latino-americana III** - E durante a Bienal do Rio de Janeiro, segundo Gazzera, será elaborado um manifesto das editoras ibero-americanas.

## Congresso Nacional comemora os 25 anos de luta da ABEU

**O**ponto alto das comemorações pela trajetória de 25 anos da Associação Brasileira das Editoras Universitárias foi a homenagem realizada em sessão solene conjunta no Congresso Nacional, no dia 19 de outubro de 2012. Parlamentares, profissionais do livro e da leitura, dirigentes da ABEU e adidos culturais de embaixadas participaram do evento proposto pelo senador Cristovam Buarque (PDT-DF) e pela deputada Fátima Bezerra(PT-RN).

Buarque abriu a sessão destacando o trabalho desenvolvido pelas editoras em favor da produção cultural, sendo este um mercado de trabalho quase desconhecido da maioria dos leitores. Na sequência, a diretora da ABEU e da Editora da Universidade de Brasília, Lúcia Pulino, destacou a importância estratégica do livro para a universidade. Representando o Sindicato Nacional dos Editores de Livros, o editor Eduardo Salomão enfatizou a importância dos direitos do autor serem defendidos pela legislação.

O presidente da ABEU e da Editora da UNESP, José Castilho Marques Neto, fez amplo relato das lutas desenvolvidas pela associação em favor do livro e da leitura, destacando ainda as dificuldades enfrentadas pelas editoras universitárias. Destacou a importância da leitura para o desenvolvimento nacional.

“Se centrarmos esforços cada vez maiores em relação à formação de leitores, seguramente nós teremos um País melhor, um País que se compreenda, que estimule o diálogo, preserve a democracia de maneira consciente, de maneira cidadã, plena”, assegurou.

Defendeu ainda a implantação de uma política de profissionalização do editor universitário, a exemplo do que ocorre em outros países, como a Inglaterra, e a proposta de um projeto de lei nesse sentido entregue ao senador Buarque (ver quadro na página 5). Encerrou lendo a Carta de Brasília, documento que estabelece os objetivos da associação, aprovado em assembleia realizada em abril de 2012.

O senador Tomás Correia (PMDB-RO) saudou a ABEU destacando a importância da Carta de Brasília e destacando a necessidade de que as editoras universitárias sejam mais conhecidas da população. Buarque enfatizou, no encerramento, a importância das editoras universitárias, cuja produção anual é de 2.000 novos títulos, e propôs quatro desafios caminhos a serem enfrentados juntamente com os esforços do Senado: a erradicação do analfabetismo, desenvolvimento e apoio à educação de base, a transição do livro impresso para o suporte digital e, por último, defender uma gestão das editoras universitárias menos dependentes das universidades.

A ABEU distribuiu exemplares da edição mais recente de sua revista VERBO. e do livro *Edición universitaria en América Latina*. Representando a associação compareceram, além de José Castilho e Lúcia Pulino, os diretores Secretária, Maria das Graças Monteiro Castro (Editora da UF Goiás), Financeiro, Carlos Alberto Torres Gianotti (Editora Unisinos), e de Comunicação, Marcelo Di Renzo (Editora Leopoldianum/UNISANTOS).

## **Minuta para Projeto de Lei entregue ao Senador Cristóvan Buarque**

O presente projeto busca a profissionalização plena do braço editorial acadêmico de todas as universidades brasileiras. Justifica-se pela importância estratégica da atividade editorial universitária, internacionalmente comprovada, para a divulgação qualificada das pesquisas realizadas nas atividades de ensino, pesquisa e extensão acadêmicas.

Para que esse objetivo seja atingido, é fundamental que as editoras universitárias sejam qualificadas e reestruturadas em bases adequadas na estrutura organizacional das universidades as quais pertencem.

Isso significa em termos gerais e comuns ao conjunto das editoras e universidades:

1. Mandatos e situações funcionais adequadas para os diretores e responsáveis técnicos das editoras. Essas funções não devem obedecer necessariamente à rotatividade periódica dos cargos dirigentes das universidades que obedecem a outras ordens de razões, mas devem se adequar às necessidades de longevidade funcional que requer a atividade editorial profissional. O que deve reger o exercício do comando da atividade editorial acadêmica é a produtividade dos diretores editoriais e de suas equipes, que devem qualificar essa longevidade de maneira objetiva em forma de resultados e cumprimentos de metas;

2. Que cada Universidade adote organogramas e cronogramas que respeitem a natureza e objetivos de cada programa editorial adotado pelas universidades e lhe forneçam condições administrativas e financeiras de realizar seus programas;

3. Que cada editora legitimamente constituída em uma universidade ou instituto de pesquisa receba recursos estabelecidos anualmente no orçamento dessas instituições na ordem mínima de 0,25% do orçamento geral;

4. Que haja um fluxo de financiamento adequado e permanente para manutenção do projeto de publicações e distribuição baseado em plano editorial e de negócios que preservem a essência do fazer acadêmico e prestem serviços de disseminação do conhecimento de qualidade à sociedade;

5. Para o devido zelo pelo cumprimento desses objetivos, reconhecer a ABEU, ou outra entidade que a suceder legal e legitimamente no futuro caso esta venha a se extinguir estatutariamente, como representante oficial das editoras universitárias brasileiras junto ao MEC e demais órgãos governamentais do poder executivo federal.



Castilho destaca cooperação e amizade como marcas da ABEU

### **Fraternidade e excelência aquecem a Reunião de Curitiba**

**A** XXVI Reunião Anual da Associação Brasileira das Editoras Universitárias, realizada entre 22 e 24 de maio na cidade de Curitiba, tendo como anfitriã a Pontifícia Universidade Católica do Paraná, foi marcada por um clima de muito entrosamento e verdadeira fraternidade entre os representantes das instituições associadas. E teve caráter internacional, com a presença de dirigentes da Rede de Editoras Universitárias da Argentina (REUN), reforçando assim o movimento de fortalecimento da editoração universitária latino-americana.

Diversos fatores contribuíram para isso: a acolhida carinhosa e amiga da Editora da PUCPR, em clima de festa pelos seus 30 anos de trajetória, a excelência da temática *Desafios da disseminação da informação e do conhecimento na era digital e do acesso aberto*, desenvolvida por pesquisadores e especialistas na área, a presença de associadas de todas as regiões do País e a perspectiva de um futuro promissor para a produção editorial das universidades brasileiras, inseridas em um irreversível processo de modernização tecnológica e comercial e de internacionalização.

O resultado foi um encontro que contribuiu e muito para o amadurecimento de seus participantes, possibilitando a generosa troca de experiências, o aprofundamento de conhecimentos e de novas propostas em um momento de protagonismo crescente das editoras universitárias no cenário nacional.

## Cerimônia de acolhida destaca cooperação e amizade

**E**nfatizando que “as editoras universitárias têm o poder de transformar as comunidades”, o professor doutor Ir. Clemente Ivo Juliatto, reitor da PUCPR, abriu a cerimônia de acolhida, logo após a apresentação de atrações culturais.

O professor José Castilho Marques Neto, presidente da ABEU e da Fundação Editora Unesp, falou a seguir e acentuou que a associação vive um recomeço, após completar uma jornada de 25 anos. “Esse é um momento em que todos devem se empenhar pela educação”, afirmou, agradecendo a acolhida da PUCPR, a presença dos associados e de representantes da Rede de Editoras Universitárias da Argentina. E enfatizou que a nova etapa “terá a marca de todos nós, que é a marca da cooperação, da amizade que só o livro proporciona”.

A diretora da Editora Champagnat, professora Ana Maria de Barros, lembrou que “a América nasceu sob os auspícios da cruz e, nesse sentido, cabe-me recordar que o bom cristão não pede – agradece”, referindo-se a escolha da PUC como anfitriã da Reunião no ano em que a editora completa 30 anos.

Em seu pronunciamento, destacou a importância da temática escolhida: “Nosso evento objetiva compreender o que significa ser uma editora universitária em um contexto no qual a disseminação da informação e do conhecimento, além de ser o objeto central da atividade editorial acadêmica, ganha crescente protagonismo no presente período histórico. Tema vanguardista e sintonizado com o tempo presente, hoje ele se impõe neste acontecimento que procura estratégias de crescimento e afirmação. E encerrou a acolhida apresentando o novo selo editorial, PUCPRESS, “marca de inovação, qualidade e profissionalismo editorial”.

## Visão inovadora de gestão abre o ciclo de debates

**D**esenvolvendo o tema *Por uma visão inovadora de gestão em editoras universitárias* com uma abordagem moderna, dinâmica e provocativa, o professor doutor Luis Augusto Milanesi, da Universidade de São Paulo, fez a palestra de abertura do evento. Estabelecendo um paralelo para o processo de registros da memória da humanidade, entre a tabuleta de argila, datada de 600 anos a.C. e o surgimento dos tablets, em 2010, discorreu sobre a evolução da biblioteca no Brasil e a crise que o serviço enfrenta diante da evolução da tecnologia da internet.

Graduado em Biblioteconomia e mestre e doutor em Ciências da Comunicação, ambas pela Universidade de São Paulo, Milanesi, é professor titular da Universidade de São Paulo e um dos fundadores da Associação Brasileira de Profissionais da Informação, fundada em 2012.

Segundo ele, a biblioteca pública vive uma aparente perda de função e um sintoma é a baixa frequência e conseqüente fechamento desses equipamentos. O professor apontou vantagens no texto digital, destacando que se tem em mãos uma grande biblioteca. Entre elas, citou a leitura em rede, o acesso imediato, a redução de custos para todos os envolvidos na

produção editorial, a facilidade de organização para as bibliotecas. Não deixou de mencionar aspectos negativos, como a falta de uma legislação específica, a multiplicidade de formatos, a mudança do papel do editor para o controle do leitor.

O desafio, no seu entender, é quebrar a distância entre o jovem que usa tablet e a biblioteca vazia. No seu entender, o novo meio digital não eliminará o processo impresso. Recomendou que as editoras devem ter novas perspectivas e novas ações como agregar o audiovisual e editar-se títulos também no novo suporte. E sugeriu que desenvolvam ação cultural, como uma maior parceria para exposição dos autores e ampla cooperação com as bibliotecas. Para ele, é necessário ampliar a divulgação do que as editoras produzem. E recomendou que as associadas estudassem a possibilidade de compartilharem uma plataforma digital.

***“A América nasceu sob os auspícios da cruz e, nesse sentido, cabe-me recordar que o bom cristão não pede – agradece.”***

### Mesa 1

#### **O papel da editora universitária e os direitos do autor/pesquisador no acesso aberto: remuneração, progressão de carreira e os desafios da mediação da produtividade na academia**

O tema desenvolvido na mesa de abertura do segundo dia da Reunião de Curitiba, tendo o professor Marcos Wachowicz, da Universidade Federal de Santa Catarina, como mediador, contou com a participação do diretor do IBICT, Emir José Suaiden, e do professor Ezequiel Obiglio, diretor editorial da Universidad Católica Argentina.

Após abordar a alteração causada pela invenção de Johann Gutemberg na difusão do conhecimento, o representante argentino destacou a produção digital proporciona economia e favorece a maior oferta de conteúdos, destacando a importância das universidades investirem em seus repositórios. E alertou para os cuidados necessários aos direitos do autor e patrimoniais. O contrato já deve prever a inclusão do documento no repositório institucional.

Destacando o processo de evolução da sociedade da informação por conta da globalização e da revolução tecnológica, passando do suporte impresso para o digital, o professor Emir teceu considerações sobre a busca da internacionalização pelas universidades brasileiras, objetivando um posicionamento melhor no ranking. Esse processo é vital para a sobrevivência das instituições de ensino superior e as editoras tem papel determinante nesse processo.

A qualidade das publicações também foi abordada. A ideia de que é preciso publicar para não perecer acaba gerando a produção de muito lixo, afirmou. A sociedade da informação substituiu a sociedade pós-industrial, de tal modo que informação é riqueza. A editora universitária entra na pauta do governo se mostrar que possui essa riqueza.

Em sua fala, Ezequiel fez relato sobre a evolução da produção impressa e destacou o fato de a universidade ter dado impulso ao surgimento do impresso e que a nova tecnologia precisa se apreendida. Abordou, a seguir, o contexto das editoras universitárias na Argentina.

### Mesa 2

#### **A gestão eficiente da editora universitária e os desafios da institucionalização como atividade fim da universidade.**

O mediador José Castilho Marques Neto, presidente da ABEU e da FEU, abriu a mesa destacando a importância do tema para o desenvolvimento das editoras universitárias. Para tratar do assunto, participaram a professora Leilah Santiago Brufem, pesquisadora do CNPq, e o professor Amaro Pessoa Lins, da UFPE.

Leilah comentou que problemas apontados em seu livro *Editoras universitárias no Brasil*, editado em 2001, ainda são atuais. "Não existe um modelo de editora universitária, existe sim o não-modelo", afirmou destacando que existem questões novas que merecem atenção e são geradoras de novos procedimentos. Indagou se é hora de renovar, em função do acesso aberto. E ainda, os modelos básicos resistem ao apelo ao acesso aberto. Adiantou que a Unesco dará apoio ao acesso aberto, o que será significativo para as editoras.

Destacou a editora universitária e o compromisso universitário, considerando a importância acadêmica e a importância para o desenvolvimento científico, onde se exige o conselho editorial.

Há tensões das editoras, afirmou, tais como a questão da comercialização, a existência de projetos frustrados. A questão da produção e da sobrevivência, a expectativa de lucros, a valorização dos periódicos que significam a valorização dos programas de pós-graduação, o que acarreta o ênfase aos indicadores quantitativos determinados pela Capes.

Ao contrário da visão do "publicar ou perecer", descrita por Briquet de Lemos (2006), existem novas formas adequadas aos avanços da tecnologia, mencionou. E citando enquete que realizou entre diversos editores filiados a ABEU, para elaboração da presente palestra, disse que sobre a tensão mercado e compromisso editorial, os entrevistados mencionaram a excelência acadêmica, a necessidade de ampliar o mercado consumidor e a articulação entre os diversos setores envolvidos.

Com relação à tensão entre livro e periódico, destacou o Qualis como uma questão “esportiva”, em decorrência da competição que acaba por estabelecer, o sistema SEER, a pressão da avaliação da Capes na qualificação do PPG, onde predominam as políticas inclusivas, a redução das questões da endogenia, a ética na redução dos casos de plágio, o investimento na produção e da tradição, e em relação à tensão tecnológica, destacou a dificuldade de adesão ao acesso livre para melhorar o funcionamento das editoras.

Amaro Pessoa Lins, da UFPE, foi o outro debatedor. De imediato, enfatizou que o tema proposto é discutido desde o começo da ABEU, há 25 anos. O papel das editoras universitárias é gerar e difundir o conhecimento. Isso está diretamente relacionado com o papel e a complexidade da universidade do século XXI: era do conhecimento, velocidade da geração e do conhecimento; e transformação do conhecimento em serviços e produtos.

Questionou qual é o papel das editoras universitárias, afirmando que não se deve descuidar do suporte ao ensino e à pesquisa, difusão do conhecimento em geral e manter o foco regional ou temático.

Sobre o perfil das EDUs, abordou o modelo institucional, ancorado na hierarquia da instituição, e a relação entre o conselho editorial e o projeto editorial.

Destacou ainda a necessidade de profissionalização, de gestão técnica, de gestão de serviços, patrimônio, pessoal e administração. Enfatizou a valorização formal, representadas pelos processos de avaliação da CAPES e do INEP e pela obtenção de recursos de fomento do MEC, MinC, MCTT.

Fez questão de enfatizar a necessidade de articulação e cooperação nacional e internacionais, correspondendo a produção e especialização por área, a produção do livro-texto e da necessidade de investimento nas revistas científicas. Destacou ainda os investimentos na internacionalização, destacando projetos como o Ciência sem Fronteiras, lembrando ser necessário estabelecer um programa de produção conjunta de pesquisas e publicações; E finalizou afirmando que o grande desafio é a relevância e a pertinência da produção editorial universitária na era digital.

Na sequência, o mediador Castilho reforçou a ideia de que a editora deve ser uma atividade-fim da universidade, na qual se destaca a ideia de longevidade das equipes para a garantia de realização do projeto.

### Mesa 3

#### **A meta de internacionalização da universidade e a contribuição da editora nesse processo. O que significa internacionalizar a produção intelectual no mundo de hoje?**

Sob a mediação do professor Gilberto Castro, da Universidade Federal do Paraná, dialogaram o professor Carlos Gazzera, presidente da REUN, e a jornalista Gabriela Dias, da PublishNews.

Gabriela iniciou a mesa redonda, após destacar sua trajetória profissional, enfatizando que a tecnologia digital facilita a difusão de conteúdos: “o brasileiro gosta disso”, assegurou. E concluiu que acesso livre não significa acesso gratuito, algo que as editoras universitárias devem pensar.

Gazzera, por sua vez, alertou para o risco da concentração dos grupos editoriais nas mãos de poucos. Enfatizou o momento da bibliodiversidade, afirmando que o editor deve ser um mediador. Acrescentou ainda que a produção universitária deve ser variada, plural, não apenas científica.

O presidente da Liga Brasileira de Editoras (Libre), Haroldo Ceravolo, foi convidado a participar da rodada e manifestou que a sua associação nasceu internacionalizada, pois foi ver o que estava ocorrendo no mundo. Disse que a bibliodiversidade deve ser adotada como uma orientação às editoras, pequenas ou universitárias.



Carlos Gazzera, presidente da REUN

## Boas práticas de gestão

Uma inovação própria para a reunião de Curitiba foi a abertura de espaço na programação para a comunicação e o compartilhamento de práticas de gestão adotadas pelas editoras associadas.

A Editora Champagnat, representada pela editora-chefe Rosane de Mello Santo Nicola, detalhou o processo seletivo de revisor de textos, destacando a dinâmica de avaliação dos candidatos como um fator de gestão da qualidade editorial.

José Fernando Tavares, da Simplíssimo, abordou a produção do livro digital. Segundo ele, a prática baseada no PDF está em declínio, pois este formato foi criado para uso gráfico, tanto que é estático. O problema, destacou, são os novos leitores que tem formatos diferentes. Assim, a leitura do texto digital em PDF não é confortável. O livro físico tem limitações, mas no digital é possível criar muitas opções. Essa nova realidade abre espaço para que as editoras tenham projetistas digitais.

O diretor-presidente da FEU, José Castilho Marques Neto, apresentou o case da livraria móvel da Unesp, lançada em dezembro de 2012 e que vem apresentando desempenho comercial significativo. Destacou que é preciso chegar ao leitor de qualquer maneira. O caminhão ficou no campus da PUCPR durante a reunião da ABEU.

## Cultura tem destaque na programação

Uma recepção literalmente de dar água na boca marcou a recepção aos participantes da XXVI Reunião Anual, na tarde do dia 22 de maio, no auditório John Henry Newman da Biblioteca Central da Pontifícia Universidade do Paraná, no campus de Curitiba. Saborosos brigadeiros gourmet servidos durante o processo de inscrição, deram o tom de que o evento seria caloroso, quer pelos debates previstos, quer pelo clima de confraternização.

A outra marca forte foi a agenda cultura. Na abertura, os solistas da Orquestra de Câmara da instituição, deram as boas aos participantes executando quatro peças – uma italiana, duas brasileiras e finalizando com uma argentina. Essa foi uma das atrações da programação cultural organizada para o evento, as quais atraíram a atenção dos representantes das instituições participantes.

A Orquestra de Câmara foi criada em 1999 com



Bom público em todas as sessões

o objetivo de difundir, dentro e fora da Universidade, a apreciação pela boa música, bem como oferecer oportunidade de aperfeiçoamento a jovens músicos. Formada pelos melhores músicos da nova geração de Curitiba (muitos deles alunos e ex-alunos da PUCPR), a orquestra se dedica a inovações artísticas e apresentações musicais cuja proposta é a qualidade sonora, a partir de compositores clássicos e da música brasileira.

O Coral Allegro, sob a regência do Maestro Paulo Kühn, completou a programação musical do primeiro dia, apresentando repertório variado no FTD Digital Arena, primeiro e mais avançado ambiente de mídia audiovisual imersiva de alta definição do Brasil, semelhante a um planetário, no campus Curitiba.

O teatro também marcou presença. Ainda na abertura, uma saudação especial com o monólogo sobre o papel transformador do livro, interpretado pelo ator Décio Ângelo Berti. No segundo dia, com a contadora de história, Rosângela Rauen, e com a encenação do grupo PETI, sob a direção do professor Laércio Ruffa, discutindo a solidão pela ótica de textos de cronistas e poetas brasileiros.

Como é tradição nas reuniões anuais, um jantar de confraternização marcou o reencontro dos dirigentes e funcionários das editoras universitárias. Desta vez, aconteceu na Churrascaria Jardins Grill, uma das principais casas da capital paranaense.



Apresentação Cultural anima a Abertura

## Desafios e oportunidades do design editorial

O ABEU Técnico de Curitiba desenvolveu curso e oficinas específicas englobando o design editorial sobre vários aspectos: novos conceitos, coolhunting design emocional, desafios e oportunidades. As atividades foram ministradas por consagrados professores e especialistas desse mercado. Um atrativo a mais nessa programação paralela da Reunião Anual que vem crescendo de importância e atraindo o interesse dos técnicos das editoras associadas, a cada ano. A responsabilidade pela organização do



Designers aproveitaram o ABEU Técnico

do ABEU Técnico de 2013 ficou a cargo do designer gráfico, Felipe Machado de Souza. Felipe, supervisor de arte da Editora Champagnat, da PUCPR.

No dia 23 de maio, a programação matinal correspondeu à primeira parte do curso, intitulada *O livro impresso no século XXI e um novo conceito de design editorial*, ministrada pela professora Maria Liane Gabardo Arbigaus. O foco foi a evolução das publicações e a exigência de que o material impresso se reinvente a fim de não perder espaço para as tecnologia de leitura multimodal. Torna-se necessário buscar-se estratégias de a criação de materiais impressos mais atrativos aos olhos dos consumidores. Na segunda parte do curso, Felipe Machado de Souza abordou o tema *Coolhunting e design emocional aplicados ao design editorial*, com análise dos tipos de consumidores e as tendências de consumo para os diversos meios de publicação, destacndo-se o consumidor universitário. No período da tarde, o professor Ericson Straub, graduado em Design pela PUCPR, especialista em História da Arte e mestre em Engenharia de Produção pela UFSC, desenvolveu o tema *Processo criativo, briefing e projeto gráfico*, tratando das interferências ao processo criativo. A quarta parte dos trabalhos, intitulada *Designer e livro digital, desafios e oportunidades*, foi ministrada por José Fernando Tavares, fundador e diretor de operações da Simplíssimo Livros. Ele destacou, por meio de cases, as exigências de conversão e produção para o suporte digital.

No dia 24, a programação da manhã incluiu exercícios de diagramação gráfica para livros, jornais e revistas com teoria e prática – formatos, papéis e materiais inovadores. Para falar sobre essa temática, foi convidada a especialista Andrea Zimmermann, há 16 anos trabalhando no ramo gráfico, nos setores de digital e offset, da Gráfica Everest, no setor comercial. Na segunda parte do tema desenvolvido, foram tratados projeto gráfico da capa, contracapa e folha de guarda, tendo como convidados os designer gráficos Thais Scaglione e Flávio Augusto Vieira. Em 2008, eles fundaram o Estúdio Sem Dublê, e desde 2010 prestam serviços de comunicação e design para o Grupo Marista.

## Assembleia elege a nova diretoria

A Assembleia Geral Ordinária da Associação Brasileira das Editoras Universitárias – ABEU foi realizada na manhã do dia 24, após a realização das reuniões das Diretorias Regionais. Estavam presentes representantes de 36 instituições afiliadas. Além da prestação de contas pela diretoria, seguiu-se a eleição da diretoria para o biênio 2013-2015.

O presidente da ABEU e coordenador da reunião, José Castilho Marques Neto, abriu os trabalhos agradecendo a acolhida da PUCPR e a Rede de Editoras Universitárias da Argentina pela participação no evento. Destacou ainda a presença de Haroldo Ceravolo, presidente da Liga Brasileira de Editoras (Libre) e de Francisco Ednilson Xavier Gomes, presidente da Associação Nacional das Livrarias (ANL). A pauta elaborada para a reunião foi aprovada na íntegra, sem acréscimos, passando o presidente a detalhar o relatório parcial de gestão da Diretoria atual (ver páginas 13 e 14), no período de setembro de 2011 até aquela data, destacando o conjunto de ações políticas, associativas e promocionais, por meio de feiras e eventos, num total de 32.

Os titulares do Conselho Fiscal, Honório Rosa do Nascimento, Joel Corso e Astomiro Romais, relataram a análise da prestação de contas do período, destacando a qualidade da condução administrativa, recomendando a aprovação da atual prestação, indicação acolhida por unanimidade.

As diretorias regionais apresentaram relatos das reuniões realizadas pela manhã. O diretor, Jerônimo Carlos Santos Braga, do Sul, informou que para a próxima a gestão, foi eleito Dirceu Hermes (Argos/Chapecó) e que na Bienal Internacional do Rio de Janeiro, será lançada uma coletânea regional. Na Centro-Oeste, representada pelo diretor, Marinaldo Divino Ribeiro, reconduzido ao cargo pró-tempore, as associadas decidiram estudar a criação de uma coletânea, investir na qualificação técnica e lançar de um boletim informativo. Também foi reconduzida a diretora do Nordeste, Maria José dos Santos Passos, que informou ter sido criado o cargo de diretora-adjunta da regional, sendo eleita Maria Nadja Nunes Bittencourt (EDU-NEB). Mauro Romero Leal Passos, diretor da Sudeste, relatou que foi eleita Helena Pereira Bonito (Mackenzie), que as editoras investirão no fortalecimento regional do PIDL e que a feira de livros da UFF será ampliada nesse sentido. Acompanhando a ideia de uma diretora-adjunto, foi escolhida Joana Luíza Muylaert Araújo, da EDU-FU. Gilson Mesquita (EDUFAC), foi eleito para prosseguir o trabalho do diretor, Iraldes Caldas Torres, no Norte, que informou que pretendem investir na uniformização de procedimentos editoriais, na criação de uma liga regional para atuação em eventos e promover reunião no Pará até maio de 2014.

O representante da Paraíba, Cidoval Moraes de Souza (UEPB), apresentou a candidatura de sua instituição, sediada em Campina Grande, para ser anfitriã da XXVII Reunião Anual, em maio do próximo ano, sendo aceita a proposta por unanimidade.

Aberta a inscrição de chapas para a diretoria da associação no período 2013-2015, apresentou-se o editor-executivo da Fiocruz, João Canossa. Ele explicou que sua proposta era de continuidade com mudanças, que as diretorias regionais foram eleitas de modo democrático, que o plano de ação será elaborado coletivamente com os associados e nominou a chapa.

A seguir, o representante da Ulbra, Astomiro Romais, apresentou o Manifesto de

Curitiba (ver páginas 16 e 17), o qual defende amplo diálogo para a busca de solução às restrições fiscais enfrentadas pelas editoras. O documento recebeu contribuições para enfatizar o papel das associadas na formação de leitores e no processo de internacionalização da educação, sugestão para ampla divulgação pública e dirigida aos setores específicos da Administração Pública, recebeu apoio das REUN, representada por Carlos Gazzera, sendo aprovado por unanimidade.

Durante a Assembleia, ocorreu ainda a homenagem aos 25 anos da editora da PUC do Rio Grande do Sul, representada pelo seu diretor, Jerônimo Carlos Santos Braga, o qual recebeu uma placa alusiva entregue pelo presidente Castilho.

## **RELATÓRIO DE GESTÃO SETEMBRO 2011 A AGOSTO 2013**

### **Carta do Presidente**

De modos diversos pode iniciar-se a prestação de contas ao final de um mandato. De forma solene, em tom laudatório, ou objetivamente, indo rapidamente à relação de atos e fatos realizados. A vivência, no entanto ensina que a melhor maneira é aquela que se inicia com a tranquilidade de se ter cumprido as propostas alinhavadas no momento anterior ao primeiro passo, com a alegria de se ter compartilhado vivamente os sonhos e esperanças da comunidade representada, com a digna certeza de ter empenhado o melhor de si ao sucesso dos objetivos associativos e, em especial, no nosso caso, em favor da cultura e da educação nacional.

Assim, com essa perspectiva norteadora, relatamos a jornada percorrida entre setembro de 2011 e a presente data, marcada pela celebração dos 25 anos da Associação Brasileira das Editoras Universitárias, sem dúvida, a principal marca dessa gestão. Comemorar as bodas de prata conferiu uma qualidade especial à nossa ABEU, agregou-lhe um valor diferenciado, próprio das instituições que consolidam seus ideais na forja da perseverança e altruísmo. A sessão solene realizada no Congresso Nacional, ato conjunto das duas casas legislativas, é um reconhecimento público da importante missão que nossas associadas desempenham em favor do conhecimento científico e de sua difusão sistemática e ininterrupta.

O Programa de gestão, proposto pela atual diretoria no momento de sua posse, durante a Bienal Internacional do Rio de Janeiro de 2011, posteriormente ratificado na Carta de Brasília, aprovada na Assembleia Geral da XXV Reunião Anual, em Brasília, foi respeitado e realizado em seus propósitos capitais. A expansão do patamar alcançado pela ABEU levou ao fortalecimento de programas como o PIDL, do diálogo e dos vínculos com as autoridades do livro e da leitura, com as associações congêneres na América Latina e com as principais organizações do setor no Brasil.

No momento em que o livro brasileiro ganha significativo espaço no Exterior, nossa Associação está atuante nos fóruns de organização de feiras de grande projeção, como Frankfurt. Na feira alemã, em 2012, a ABEU inaugurou junto com a REUN, ASEUC e ALTEXTO, o corredor do livro universitário produzido na América Latina. Ações como essa reforçaram os laços de ação internacional com as associações nacionais da Argentina, da Colômbia e da Venezuela, em mostras conjuntas nas feiras nacionais desses países e intenso debate e troca de experiências em seminários internacionais. É importante ressaltar que essas ações fortalecem a conquista de novos mercados e contribuem para a política de internacionalização das universidades brasileiras.

Também tem ocorrido atuação junto aos setores do Governo federal objetivando a superação de entraves ao pleno e tranquilo funcionamento das editoras das instituições públicas. E, no conjunto de ações políticas empreendidas nesse período, cumpriu-se à risca a determinação da Assembleia da ABEU no sentido de encaminhar-se proposta de projeto de lei ao Senado Federal referente à profissionalização plea do braço editorial acadêmico de todas as universidades brasileiras.

O relatório de gestão detalha as ações políticas, mercadológicas, estratégicas empreendidas. Somadas, o resultado reafirma a convicção de que foi travado o bom combate e de que chegamos tranquilos, com alegria e dignidade, a um novo patamar, no qual a voz da ABEU voltou a ecoar firme na conjuntura cultural deste Brasil que ora se reinventa, em busca de igualdade para todos.

Obrigado.

**José Castilho Marques Neto**  
Presidente da ABEU

## **Principais Ações Políticas**

1. Retomada do diálogo com os órgãos dirigentes de políticas públicas para o livro e a leitura;
2. Estreitamento de relações com entidades nacionais e internacionais do livro;
3. Participação no Grupo de Trabalho sobre direito autoral;
4. Elaboração da Carta de Brasília, que determinou as ações da ABEU nesta gestão;
5. Apresentação de minuta para projeto de lei ao Senador Cristóvan Buarque, conforme determinação da Carta de Brasília;
6. Diálogo constante com a ASEUC (Asociación de Editoriales Univeristarias de Colombia) e REUN ( Red de Editoriales Universitarias Nacionales – Argentina), com colaboração mútua entre as partes;
7. Comemoração dos 25 anos da ABEU, em sessão solene no Congresso Nacional;
8. Participação efetiva no subcomitê do Brasil para a Feira do Livro de Frankfurt;

## **Principais Ações Associativas**

1. Organização e realização do II Fórum Latino-americano de Editoras Universitárias, 22 e 23 de outubro de 2011, em Maceió/AL, durante a V Bienal Internacional do Livro de Alagoas. Participação da ASEUC, EULAC e Rede AI-Texto;
2. Informativo Semanal “ABEU em Rede” mais dinâmico, com seções diferenciadas sendo implantadas e espaço de divulgação dos livros das associadas que propicia visibilidade a todas as áreas de conhecimento;
3. Reforço no Catálogo Unificado da ABEU, com mais de 8 mil títulos cadastrados, propiciando divulgação para títulos de muitas editoras;
4. Fornecimento de Carta de Exclusividade, sem custo para o associado;
5. Ampliação do quadro associativo da ABEU: de 99 para 112 editoras;
6. Participação no V Foro Internacional de Edição Universitária promovido pela Universidade de Guadalajara, representados pela Profa. Flavia Rosa e João Carlos Canossa;
7. Formação de GT para elaboração, aplicação e análise de pesquisa para diagnóstico e proposta de solução à questão administrativa, financeira e legal, enfrentada pelas Editoras das instituições públicas que possuem vínculo com fundações de apoio e/ou utilizam outras alternativas para garantir mecanismos ágeis frente aos postulados de mercado da área editorial;
8. Criação da logo “ABEU No Border” para identificação dos títulos das editoras associadas voltadas ao mercado internacional com edição em inglês, bilíngüe ou trilingue;
9. Projeto de captação de recursos externos afim de minimizar custos aos associados;
10. Formação de uma rede colaborativa de assessorias de imprensa das editoras/universidades objetivando ampliar a difusão de informações institucionais, contando hoje com 21 associados participantes;
11. Informou que foram publicadas as edições 7 e 8 da Revista Verbo, e a de número 9 está em processo de produção para circulação este ano. A publicação evoluiu em suas diretrizes editoriais, incorporando ao foco institucional, a veiculação de artigos científicos nacionais e de editoras latino-americanas inéditos;

## **Feiras e eventos**

1. Participação em feiras e eventos: sete eventos em 2011, 18 eventos em 2012, sendo que em 2013, já participou de três eventos e estão programados mais cinco.

## A nova diretoria

A chapa encabeçada pelo editor-executivo da Fiocruz, João Carlos Canossa Pereira Mendes, foi eleita para dirigir a ABEU no biênio 2013-2015. A Assembleia Geral Extraordinária ocorreu no início da tarde do dia 24 de maio, em Curitiba. O processo de votação ocorreu por aclamação, recebendo a chapa inscrita 36 votos, sem ausências ou votos contrários. A posse da diretoria ocorrerá em evento específico, na Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro de 2013. A composição é a seguinte:

### DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: João Carlos Canossa Pereira Mendes (Ed. Fiocruz)

Vice-presidente: Carlos Alberto Torres Gianotti (Ed. Unisinos),

Diretora Secretária: Flávia Goulart M. G. Rosa (EDUFBA),

Diretor de Comunicação: Marcelo Luciano Martins Di Renzo (Ed. Leopoldianum),

Diretor Financeiro: Jerônimo Carlos Santos Braga (Ed. PUCRS),

Diretora de Difusão Editorial: Maria Candida Soares Del-Masso (Ed. Unesp),

Diretor de Eventos: Gilberto de Castro (Ed. UFPR),

### DIRETORIAS REGIONAIS

Região Sul: Dirceu Luiz Hermes (Argos Editora da Unochapecó),

Região Sudeste: Helena Bonito Couto Pereira (Ed. Mackenzie),

Região Centro-Oeste: Marinaldo Divino Ribeiro (EDUFMT),

Região Nordeste: Maria José de Matos Luna (Ed. Universitária da UFPE),

Região Norte: Antonio Gilson Gomes Mesquita (EDUFAC);

### CONSELHO FISCAL

#### Titulares

Astomiro Romais (Ed. da Ulbra),

Honório Rosa Nascimento (EDUFMS),

Joel Corso (Ed. Unijuí);

#### Suplentes

1º: Cidoval Morais (EDUEPB),

2º: Maria Nadja Nunes Bittencourt (EDUNEB),

3º: Mauro Romero Passos (EdUFF).

## Manifesto de Curitiba

As editoras que compõem a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), reunidas em Curitiba/PR, de 22 a 24 de maio de 2013, nas dependências da PUCPR, por ocasião da sua XXVI Reunião Anual, congregando os ideais e as preocupações das 112 editoras universitárias associadas, vêm a público manifestar o seguinte:

### **CONSIDERANDO...**

1. a imprescindível e inegável importância das editoras universitárias para o desenvolvimento científico do País;
2. o papel essencial e vanguardista das editoras universitárias no cultivo e difusão do conhecimento produzido dentro e fora das instituições de ensino;
3. o pacto radical desse coletivo de editoras com a cultura do livro e a formação de leitores;
4. a centralidade da atividade das editoras universitárias na consecução das atividades fins das instituições de educação superior no que tange ao ensino, à pesquisa e à extensão universitária;
5. a mediação e o fomento de diálogo inerentes às editoras universitárias na disponibilização, à sociedade em geral, do conhecimento produzido pela comunidade científica;
6. o compromisso inarredável das editoras universitárias com a excelência acadêmica de sua produção, com focos regionais e temáticos, sem atentar ao mercantilismo no seu fazer e difundir conhecimento;
7. a potencial contribuição das editoras universitárias no atual processo de internacionalização da universidade brasileira, pública ou privada, no sentido de criar espaços supranacionais integrados da produção intelectual dos pesquisadores.

### **CONSIDERANDO AINDA...**

1. os entendimentos divergentes no Poder Judiciário e na Receita Federal quanto à imunidade prevista na Constituição Federal, art. 150, inciso VI, alínea c, para as atividades editoriais das instituições de caráter comunitário e filantrópico;
2. que a atividade de comercialização de suas publicações, de pequenas tiragens, não interfere na economia no sentido de concorrer desigualmente com o particular, visto publicar conteúdo que editoras privadas não publicam nem se interessam por publicar;
3. a evidente e inegável relação entre a publicação e a atividade essencial das instituições de ensino, ligadas diretamente às suas finalidades e constituindo-se elemento basilar à consecução de seus objetivos institucionais (não se faz educação superior sem livros);
4. que a atividade econômica exercida, ou seja, atividade secundária de produção e comercialização de seus livros, tem por fim único fomentar e viabilizar a atividade principal da instituição de ensino;

5. que, não possuindo as editoras universitárias cunho empresarial com fins econômico-financeiros, retirá-las do manto da imunidade implica a sua inviabilização e, por consequência, retrocesso e impacto no progresso científico do País.

Ante o exposto, os 112 componentes da Associação Brasileira da Editoras Universitárias (ABEU)

### **REIVINDICAM...**

1. um canal de diálogo com os poderes constituídos visando à busca de segurança jurídica para a sua atividade;

2. que a produção e a comercialização das publicações das editoras universitárias filiadas e identificadas com o selo da ABEU sejam reconhecidas como atividades lícitas, compatíveis e de relação direta com as suas atividades fins;

3. que as editoras vinculadas às instituições de caráter filantrópico e comunitário sejam acolhidas sob o manto da imunidade prevista na Constituição Federal, artigo 150, inciso VI, alínea c.

Curitiba, 24 de maio de 2013.

**Associação Brasileira das Editoras Universitárias**



Astomiro, da Ulbra, apresentou o Manifesto de Curitiba

# imagens Curitiba.



Mesa 1- (da dir.para esq.) Emir Suaiden, Marcos Wachowicz e Ezequiel Obiglio



Mesa 1- (da dir.para esq.)Amaro Pessoa Lins, José Castilho e Leilah Bufrem



Diretoria ABEU



Castilho (ao centro) coordenou a assembleia



Homenagem aos 25 anos da editora da PUCRS

Cenas do jantar de confraternização



# A editora universitária diante dos desafios e tensões da institucionalização de suas práticas

Leilah Santiago Bufrem<sup>1</sup>  
Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

**P**ensar a editora universitária é pensar no compromisso institucional da universidade, como local onde se produz e divulga o conhecimento. Reflexões iniciais, leituras e experiências sobre o tema remetem a três modalidades de tensões presentes nesse campo de produção cultural que orientam esta comunicação: as tensões perceptíveis entre o compromisso acadêmico e os imperativos de mercado; aquelas entre a valorização dos periódicos como veículos privilegiados da comunicação científica e as condições estruturais, burocráticas e financeiras das editoras e, como terceiro tipo de tensão, a premência de conciliar modos de produção aos avanços da tecnologia com essas mesmas condições estruturais.

<sup>1</sup> Graduada e licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1964), graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Paraná (1963). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (1981), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1991), pós-doutora pela Universidad Autónoma de Madrid (1995). É Professora Titular aposentada do Curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná e atualmente é professora Permanente na qualidade de Professora Visitante Sênior no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília) e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. É Membro do Conselho Assessor da Revista Iberoamericana sobre usuarios de información: Forinf@online, do Brazilian Journal of Information Science, da Revista Brasileira de Biblioteconomia e da Revista Educação Temática Digital - ETD. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Pesquisa e Perfil profissional em Informação da UFPR.

<sup>2</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (1972), em Pedagogia Habilitação Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Paraná (1980), com mestrado e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná. Coordena o Núcleo de Pesquisas em Publicações Didáticas/UFPR ([www.nppd.ufpr.br](http://www.nppd.ufpr.br)) cujas atividades incluem o estudo, a avaliação e a produção de materiais e manuais didáticos destinados a alunos e a professores. É pesquisadora e membro diretor da International Association for Research on Textbooks and Educational Media (IARTEM). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: didática e práticas escolares, manuais didáticos, formação de professores, educação histórica. Dedicar-se também à temática da pesquisa educacional, investigando abordagens para o estudo do cotidiano escolar. Editora Adjunta da Educar em Revista, UFPR (2011-2013).

## **AS EDITORAS E O COMPROMISSO UNIVERSITÁRIO**

Considerando-se a concepção de editora como unidade fim, estritamente vinculada à instituição universitária a quem compete o papel de produção e difusão do conhecimento, é de se entender como compromisso da editora trazer a público essa produção, abrindo espaços para a difusão de outras produções externas a ela, mas que podem enriquecer as atividades fins, necessárias a sua realização institucional.

Nesse sentido, a ideia da editora universitária como um centro de difusão escrita do conhecimento científico destaca importância que ela tem no desenvolvimento da ciência e, de forma ampla, no desenvolvimento social de um país. O significado dessa afirmação respalda as lutas que vêm sendo desenvolvidas por editores universitários, cujos recursos financeiros têm sido pouco expressivos, muitas vezes reduzidos diante de outras demandas e que, em consequência, veem seus projetos frustrados. Obras que devem ser valorizadas pela contribuição científica que oferecem à comunidade nem sempre são trazidas ao conhecimento público devido às restrições financeiras constritoras de sua produção.

Por outro lado, a manutenção de grupos de trabalho tecnicamente preparados para desenvolverem as atividades de produção e distribuição dos livros têm sido também um grande desafio para muitos editores. Serviços terceirizados e funcionários de quadros provisórios são condições encontradas em muitos casos e, pensando-se em atividade institucionalizada, são elementos que dificultam uma gestão adequada.

A gestão de uma editora universitária, portanto, merece o repensar da universidade como uma instituição com identidade e destinação próprias. Essa percepção é comum entre editores universitários, entretanto, suas atividades de gestão esbarram em limites e dificuldades impostos pela legislação, pela burocracia e dificuldades para realizar uma produção mais ágil.

### **A DISTINÇÃO DOS PERIÓDICOS NO CAMPO DE PRODUÇÃO**

Embora as editoras tenham competência para editar todo e qualquer tipo de publicação, o livro tem sido o mais comum. Entretanto há forte tendência à valorização dos periódicos como objeto privilegiado, prin-

cipalmente por dois motivos: o processo de avaliação dos programas de pós-graduação, que supervaloriza o periódico, em detrimento do livro e o fato de que os periódicos têm sido o meio mais frequente de divulgação e circulação dos conhecimentos relacionados às ciências exatas, tecnológicas e biológicas.

Criados em ritmo proporcional à expansão dos ramos do conhecimento científico, os periódicos demonstram concretamente o processo crescente de especialização e as repercussões dos avanços científicos sobre as formas de produção do conhecimento. É frequente ouvir, nos meios acadêmicos, sugestões aos pesquisadores para que invistam tempo e esforços na produção de artigos, por ser o produto que mais pontua e classifica os programas de pós-graduação, nas diferentes áreas. Esta é uma questão que provoca, entre outros efeitos, ambiguidades do ponto de vista editorial e autoral.

### **NOVAS FORMAS ADEQUADAS AOS AVANÇOS DA TECNOLOGIA**

Embora, por um lado, a produção do livro venha perdendo importância no cenário acadêmico devido às razões já expostas, por outro, o contexto de inovações tecnológicas tem favorecido modos alternativos de produção. Em matéria sobre debate promovido para discutir sobre o futuro do mercado editorial diante da “nova invenção” Pereira afirma:

Assim como a invenção de Gutenberg, o livro digital leva informação a quem tem dificuldade de obtê-la. Antes dos tipos (basicamente carimbos em formato de letras), a cultura escrita era extremamente restrita, mas passou a se abrir porque a reprodução foi facilitada; com os e-books é a mesma coisa: o consumidor não precisa esperar que a obra recém-lançada chegue à livraria mais próxima. Porque ele nem precisa da livraria. (PEREIRA, 2013)

Ao lado de grandes livrarias, que já comercializavam livros em formato e-pub, a presença dos novos grupos cria a expectativa de queda nos preços dos livros digitais – até então praticamente iguais aos dos livros impressos; também sugere a possibilidade de que os vários dispositivos de leitura cheguem aos consumidores com preços mais acessíveis.

Essas mudanças no cenário atual do mercado editorial brasileiro de livros digitais têm sido visíveis em exposições e feiras de livros, dando novo visual a esse objeto cultural milenar que é o livro, ao mesmo tempo em que apresentam novos desafios

para as editoras universitárias, em direção aos livros digitais. Novas formas de produção e distribuição são requeridas e o debate se amplia.

## POSIÇÃO DOS EDITORES UNIVERSITÁRIOS

Diante dessas reflexões, algumas questões foram permeando as leituras realizadas para este trabalho. Questionamos principalmente como têm reagido os editores universitários diante dessas tensões? O que têm feito para retomar/manter o sentido da editora como agente de divulgação do conhecimento? Como têm superado os limites impostos pela política e a legislação restritiva que regula as atividades de produção e distribuição de livros? Como podem abrir espaços para que a produção de valor circule não apenas como produto de mercado, mas como objeto de valor acadêmico? Seria possível reduzir a atividade editorial universitária a uma atividade do tipo industrial? Seria possível considerar a gestão editorial como uma oportunidade pedagógica? Pode-se separar a educação da administração universitária?

Em pesquisa de natureza exploratória realizada em maio de 2013, essas questões foram encaminhadas a 34 diretores das 112 editoras universitárias relacionadas no site da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), por meio de amostra aleatória, retirada do site. Embora contando com respostas de apenas doze diretores, cotejando-as com as questões acima elencadas, podemos destacar posições cujo valor como contribuição é aqui destacado.

Sobre o que têm realizado para retomar ou manter o sentido da editora como agente de divulgação do conhecimento, afirmam essa vocação, mas destacam o sentido das possibilidades de acesso proporcionadas pela internet e pela informatização da produção editorial.

Há unanimidade em relação aos limites impostos pela política e a legislação restritiva que regula as atividades de produção e distribuição de livros, entretanto, algumas tentam “consolidar sua política editorial além-muros”, tentando superar as “dificuldades comuns ao cotidiano das editoras universitárias”. Todos se referem ao suporte dado pela Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu) e pelo Programa Interuniversitário de Distribuição de Livros (PIDL) “na divulgação de livros, revistas e outros materiais voltados a produção acadêmica”. Manifestaram-se também favoravelmente aos “convênios e intercâmbios com outras editoras universitárias”, a

parceria com “bibliotecas do país, assim como instituições nacionais e internacionais” que contribuem para a circulação do livro universitário. As editoras têm, participado ativamente em feiras e exposições no Brasil e no exterior, a maioria mantendo “postos de venda e livraria virtual”, além de “convênios de consignação com livrarias locais e de outros estados do país”.

São também unânimes os editores em relação à abertura de espaços para que a produção de valor circule não apenas como produto de mercado, mas como objeto de valor acadêmico. Nesse sentido, um dos editores confirmou o compromisso acadêmico como condição primordial da editora, “o que lhe dá sentido, desde que suas publicações reflitam as linhas de pesquisa da instituição a que está vinculada”. Assim, negam a possibilidade de que a atividade editorial universitária seja reduzida a uma atividade do tipo industrial, aceitando a possibilidade de uma atuação de caráter acadêmico, inseparável do caráter construtivo da editora, enquanto inserida em instituição educacional. Mas também é considerado como desafio demonstrar a importância das editoras como “veículos da difusão da qualidade da pesquisa acadêmica”, e desse modo o ingresso da Editora “no mundo dos negócios do livro e em sua respectiva cadeia, a fim de manter processo de sustentabilidade e de apropriação do saber científico”.

Outras considerações selecionadas do conjunto das respostas oferecem um mosaico das percepções dos editores, como se pode verificar nas manifestações a seguir.

A editora deve evitar a endogenia, pois reduzir sua edição à produção interna pode fragilizar a qualidade do seu fundo.

A elas compete atuar decisivamente na publicação de trabalhos produzidos no país e no investimento na tradução de obras de ponta.

A comercialização mercantilista fez subirem os preços das assinaturas de periódicos.

Há um consórcio de vantagens entre os produtores da informação e as editoras de revistas científicas.

Percebe-se que os Periódicos têm sido considerados vitais para os Programas de Pós-Graduação e devem evoluir no sentido de aprimorar a qualidade e a periodicidade, em processos onde a Editora é facilitadora da inscrição nos sites nacionais e internacionais, bem como nos processos de editoração.

É possível destacar que os periódicos acadêmicos, estão sendo mais destinados aos formatos digitais e/ou pequenas tiragens impressas para distribuição

institucional. Por outro lado, assim como o Lattes, disputa-se hoje a pontuação Qualis quase como se fosse uma competição esportiva. Já presenciei casos em que autores de artigos são seduzidos por um periódico simplesmente para evitar que o artigo escrito por ele seja publicado no “concorrente” do sistema Qualis.

Apesar das posições individuais competitivas, a ética da publicação de resultados de pesquisas é colocada em pauta, especialmente com o receio de plágios, fraude, reprodução de pesquisas e adulteração de resultados.

Os modos de produção favorecidos pelas tecnologias são avaliados positivamente, mesmo no cenário de dificuldades de manutenção das estruturas atuais.

Uma editora universitária, assim como já está acontecendo com as comerciais, mais cedo ou mais tarde, precisará desenvolver estratégias de gestão para colocar seu catálogo de publicações no formato digital.

Para as maiores editoras universitárias, no primeiro momento, isso pode acarretar um investimento considerável, mas a adesão ao e-book significará um formato de editora muito mais racional no caso das universitárias. Ou seja, passaremos a administrar uma editora sem estoques físicos, almoxarifado, equipes de vendas, distribuidores... E com a possibilidade de atingir nosso público-alvo com muito mais eficiência por meio da internet que nas livrarias convencionais.

É crucial o debate na comunidade acadêmica sobre o papel formador do livro entre os estudantes universitários, em um país (ainda) de poucos leitores.

É fundamental manter um amplo debate sobre o que é publicado.

Nesse contexto se destaca o papel da ABEU na discussão dos caminhos necessários e possíveis.

Portanto, fecha-se apenas uma fase de reflexões sobre a peculiar missão editorial na universidade, revelando-se modos diferentes de perceber as sensíveis transformações pelas quais vem passando essa prática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se as reflexões provocadas, ressaltam alguns elementos de síntese.

Mantido o ideal acadêmico, presente nos depoimentos, aponta-se, entretanto a necessidade de rever estruturas e modos de produção compatíveis

com as novas configurações do mundo editorial. Assim, modos de produção favorecidos pelas tecnologias são valorizados, especialmente diante do cenário contemporâneo.

A ideia de acesso livre aos registros do conhecimento tem motivado amplamente os editores, especialmente como contraponto às restrições de acesso aos periódicos, motivadas pela ampliação dos lucros. Essa concepção tem levado também, editoras a contribuírem com as instituições para a produção desse material, evitando a interposição de fatores mercadológicos por outros meios de produção, externos à universidade. Assim, os periódicos são especialmente distinguidos, embora se reconheça o privilégio dado a eles pelo sistema de avaliação nacional, em detrimento da valorização do livro.

Considera-se crucial o debate na comunidade acadêmica sobre o papel formador do livro entre os estudantes universitários, em um país (ainda) de poucos leitores. Assim, importa destacar o papel da ABEU, como impulsionadora da discussão dos caminhos necessários e possíveis.

Essas reflexões destacam a prática consciente, alimentada pela elaboração crítica e a percepção da editoração universitária como dotada de marcas de distinção reconhecidas enquanto tais a partir de projetos intelectuais. Vale lembrar, recorrendo a Schiffrin, que a troca do pão fresco pelo pão industrializado não acarretará fome no mundo, enquanto que a exclusão paulatina de livros inovadores, questionadores, clássicos, pode agravar a alienação crescente de uma humanidade dominada pela mídia de massa de magos e maguinhos.

## REFERÊNCIAS

PEREIRA, L.. *Livro é produto de elite, diz entusiasta dos e books*. Disponível em: [http://olhardigital.uol.com.br/negocios/digital\\_news/noticias/no-brasil](http://olhardigital.uol.com.br/negocios/digital_news/noticias/no-brasil). Acesso em: 20 mai.2013.

SCHIFFRIN, A.. *O negócio dos livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.



# Comunicação da Ciência: Reflexões sobre a importância da criação de uma Cultura Científica no País

Cristiane de Magalhães Porto<sup>1</sup>

Livia Lima Lessa<sup>2</sup>



fonte: [www.biossaude.com.br/](http://www.biossaude.com.br/)

## INTRODUÇÃO

**A**o promover reflexões sobre a importância da Difusão Científica para a criação de uma cultura e educação científica no País é válido observar que divulgação de temas pertinentes à Ciência Tecnologia e Inovação (C,T&I) promove uma conscientização que a Ciência não se encontra tão distante da realidade e dia a dia da população. Dessa maneira, o Jornalismo Científico pode adotar um caráter pedagógico. Os Jornais e Portais ao apresentarem matérias com uma linguagem clara, direta, objetiva e decodificada possibilitam que os leitores, independente da formação, tenham uma compreensão e conheçam quais são os principais avanços proporcionando pelo desenvolvimento.

Nesta perspectiva, é válido observar que o jornalismo permite essa aproximação

<sup>1</sup> Doutora Multidisciplinar em Cultura e Sociedade – Ufba. Mestre em Letras – Ufba. Professora Plena do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Unit. Vice-Líder e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias da Informação e Cibercultura – Unit/CNPq e pesquisadora do Grupo Comunicação, Educação e Sociedade – Unit/CNPq . E-mail: [crismporto@gmail.com](mailto:crismporto@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Educação da Universidade Tiradentes. Realiza pesquisas sobre difusão científica e educação. Atualmente é bolsista profissional atuando como jornalista no Programa de Comunicação e Difusão Científica da Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe. E-mail: [livialessa\\_L3@hotmail.com](mailto:livialessa_L3@hotmail.com)

entre informação e conhecimento. É importante destacar que, no tocante à educação e como consequência, na cultura científica, o Jornalismo Científico adota esse papel de instrumento de inclusão. De acordo com Moran (2007), é inevitável percebermos que a Educação está mudando radicalmente e que possui uma relação não somente com o que se refere às instituições de ensino.

A educação é um processo de toda a sociedade-não só da escola-que afeta todas as pessoas, o tempo todo, em qualquer situação pessoal, social, profissional, e de todas as formas possíveis. Toda a sociedade educa quando transmite ideias, valores, conhecimento e quando busca novas ideias, valores conhecimentos. Família, escola, meios de comunicação igrejas, empresas, internet, todos educam e, ao mesmo tempo são educados, isto é, aprendem, sofrem influências, adaptam-se as novas situações. Aprendemos com todas as organizações, grupos e pessoas que nos vinculamos (MORAN, 2007, p. 14-15).

Ao pensarmos na importância e necessidade dessa relação entre a Difusão Científica e a Educação como detecta Ward (2006, p. 21) “a publicação online pode abrir novas possibilidades na disseminação das informações estabelecer um relacionamento mais dinâmico com o leitor”.

## NECESSIDADE DE UMA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

No Brasil, como em muitos outros países em desenvolvimento, o nível de informação e o conhecimento da sociedade no que se refere aos temas relacionados à (C,T&I) ainda é muito restrito a uma pequena parcela da população – aos pesquisadores e demais pessoas envolvidas com os saberes científicos – é possível detectar que essa realidade possui uma direta relação com a ausência de uma educação científica. Partindo dessa reflexão é possível analisar que cada vez mais a internet deixa menor o distanciamento entre a sociedade e o acesso a informação. Neste contexto, que conceitos de alfabetização científica, vulgarização e popularização da ciência são utilizadas por estudiosos.

É evidente que uma mudança que promoverá o surgimento de uma cultura científica no País acontecerá paulatinamente e junto com as ações das instituições de ensino, de pesquisa e de agências de

fomento a pesquisa. É necessário conscientizar os pesquisadores sobre a importância de apresentar a sociedade o que está sendo descoberto e pesquisado. Nesse cenário, que há necessidade da atuação de diversos atores e este projeto por contar com uma equipe multidisciplinar visa uma difusão dos temas científicos para a população.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar da importância da comunicação científica no País ganha destaque a atuação do médico e jornalista José Reis – que no ano de 1947 começou a escrever na edição matinal da Folha de São Paulo, intitulada jornal Folha da Manhã – e, no ano seguinte, 1945 teve o reconhecimento pela sua contribuição e conquistou o Prêmio Kalinga de Popularização da Ciência, que foi concedido pela Unesco. Reis defendia que:

Minha conclusão é a de ser a divulgação científica uma atividade útil e necessária, que mereceria apoio ainda maior do que já tem, que justificaria muito maior empenho [...] Mereceria ela, a meu ver, maior compreensão dentro das universidades, como atividade extracurricular que, sem dúvida, é das mais importantes, e como esforço, dos mais dignos, de educação do homem comum e de sua integração mais segura na sociedade a que pertence, tão profundamente influenciada pela ciência e pela tecnologia. (REIS, 2007).

Para Porto (2012, p. 40), “os desafios para a cultura científica, algo mais tangível e presente no cotidiano do brasileiro é algo que ultrapassa apenas o desejo de divulgar ciência. É preciso que se estabeleçam melhores condições educacionais para as camadas menos favorecidas”. Ainda para Porto (2012), ao pensar nas políticas para a área científica é necessário que eles visem não somente o incentivo para o financiamento das pesquisas, mas também a divulgação dos seus resultados.

De acordo com Bunge (1980, p.119), “[...] é indispensável publicar resultados das pesquisas”. Ainda seguindo essa mesma linha de raciocínio é extremamente importante que os avanços da ciência cheguem a sociedade e ultrapassem os muros das universidades e centros de pesquisa. Como destaca Carlos Vogt (2006, p. 19):

Hoje, como nunca aconteceu em toda história, fala-se em comunicação científica e tecnológica; hoje, como nunca, há

governos nacionais ou regionais que apóiam a criação e as atividades no campo da cultura científica e tecnológica; hoje como nunca, as próprias instituições científicas e as universidades consideram que a divulgação não é uma desonra, mas faz parte da sua obrigação.

É significativo ressaltar, também, que há interesse claro do público brasileiro sobre os temas relacionados à ciência. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Galup no ano de 1987, demonstrou que 70% dos brasileiros entrevistados possuíam interesse em ciência. Quase 20 anos depois, no final de 2006, nova pesquisa sobre a Percepção Pública da Ciência e Tecnologia é feita com mais de duas mil pessoas em todo o País e divulgada em abril de 2007 pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT).

Neste levantamento, 41% dos entrevistados consideram que o País ocupa posição intermediária no cenário mundial no setor, dado que era de apenas 25% em 1987 – quando foi feito outro estudo do tipo pelo MCT, pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para 46% dos entrevistados, a ciência e a tecnologia trazem mais benefícios do que malefícios para a sociedade. Apesar desse avanço na percepção, a pesquisa revela que os temas ligados à ciência e à tecnologia têm 41% da preferência (“muito interesse”) do público, perdendo para medicina e saúde (60%), meio ambiente (58%), religião (57%), economia (51%) e esportes (47%). Mas a ciência ficou à frente da política, que não passou dos 20%. (FAPESP NA MÍDIA, 2007).

O coordenador da pesquisa, Ildéu de Castro Moreira, diretor do Departamento de Popularização e Difusão de Ciência e Tecnologia do MCT, afirmou que isso ocorre por motivos como poucos investimentos, baixo nível educacional da população e laboratórios mal equipados.

A pesquisa foi realizada com entrevistas domiciliares e pessoais entre os dias 25 de novembro e 9 de dezembro de 2006. A amostra avaliada foi de 2.004 pessoas em diversos municípios do país, selecionadas com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O público selecionado foi composto por 50% de mulheres e 50% de homens com idade média de 36 anos e renda mensal média

de R\$ 952,29. (FAPESP NA MÍDIA, 2007).

Já em nova pesquisa sobre o interesse do brasileiro em notícias sobre ciência realizada em 2010, observa-se que houve um aumento significativo. O percentual que foi de 41% divulgado em 2007 aumentou para 65% em 2010. Tal aspecto demonstra como aumentou o interesse do brasileiro acerca de ciência e tecnologia, assim, pode-se contribuir para um conhecimento melhor, dando maior solidez à melhoria das condições sociais e culturais da produção do conhecimento e, ainda, promover a inovação tecnológica. Com acesso à informação, surge uma sociedade com senso crítica e politizada.

## REFERÊNCIAS

- BUNGE, M.. Epistemologia: curso de atualização. São Paulo: USP, 1980.
- MORAN, J. M.. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papirus, 2007.
- PESQUISA DE PERCEPÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA NO BRASIL APONTA RECONHECIMENTO A AVANÇOS NA ÁREA. Fapesp na mídia, 27 de abr 2007. Disponível em: < <http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/8949/pesquisa-percepcao-publica-ciencia-brasil/>> Acesso em: 24 maio 2007.
- PORTO, C.. Internet e comunicação científica no Brasil: quais impactos? Quais mudanças? Salvador: Edufba, 2012. E-book. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6845>
- REIS, J.. Divulgação científica. *Anhembi* n. 47, jul. 1962. p. 229.
- VOGT, C.. Ciência, comunicação e cultura científica. In: Vogt, C. (org). *Cultura científica: desafios*. SP: Universidade de São Paulo, Fapesp, 2006. p.19-26.
- WARD, M.. *Jornalismo Online*. São Paulo: Rocca, 2006.



fonte: [www.confap.org.br/](http://www.confap.org.br/)

## Desafios da disseminação da informação e do conhecimento na era digital e do acesso aberto

Emir Suaiden<sup>1</sup>



fonte: [www.sxc.hu/](http://www.sxc.hu/)

### *PRODUÇÃO CIENTÍFICA*

**N**as duas últimas décadas os adventos da globalização e da revolução tecnológica provocaram grande impactos na disseminação da informação e na produção do conhecimento. Esses impactos também produziram novos caminhos para a editoração de publicações, e pouco tempo depois a produção eletrônica passou a competir decisivamente com a produção impressa. Livros eletrônicos e periódicos eletrônicos passaram a ser lidos principalmente nos dispositivos móveis e esse processo passou a ser conhecido como a informação em tempo real.

Surgiram, então grandes instituições que se especializaram em elaborar os ranking na web, utilizando sempre o fator de impacto. Esses ranking passaram a demonstrar os indicadores de produção científica, de melhores universidades e dos melhores institutos de pesquisa. A maioria das universidades latino-americanas passaram a investir na produção científica utilizando as editoras universitárias e a montar um sistema de informação baseado em bibliotecas e repositórios digitais. Esse passo foi decisivo também para a preservação da memória do patrimônio histórico, cultural e científico. Hoje uma das melhores classificadas no ranking ibero-americano, a Universidade de São Paulo (USP) se destaca pela produção científica, pela sua editora e pela infraestrutura informacional.

<sup>1</sup> Diretor do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

Do outro lado a produção científica de qualidade passa a ser o grande indicador das agências de fomento. O que obriga na teoria que os acadêmicos tenham que produzir ou perecer. Este processo torna o Brasil a decima terceira potencia mundial em produção científica. Ao mesmo tempo a Capes cria indicador de qualidade da produção científica chamado Qualis. No mundo ibero-americano o Brasil se torna um líder mas, ainda com pouca visibilidade internacional. O mundo acadêmico passa a ter novas palavras chaves como a medição das atividades de ensino e pesquisa, os mecanismos de incentivo e também a chamar os acadêmicos de produtivos e improditivos. Outros pontos passam a ser discutidos seguidamente, tais como, o mercado das ideias, liberdade acadêmica, a avaliação da pós-graduação e a questão da 'pontuação da produtividade acadêmica.

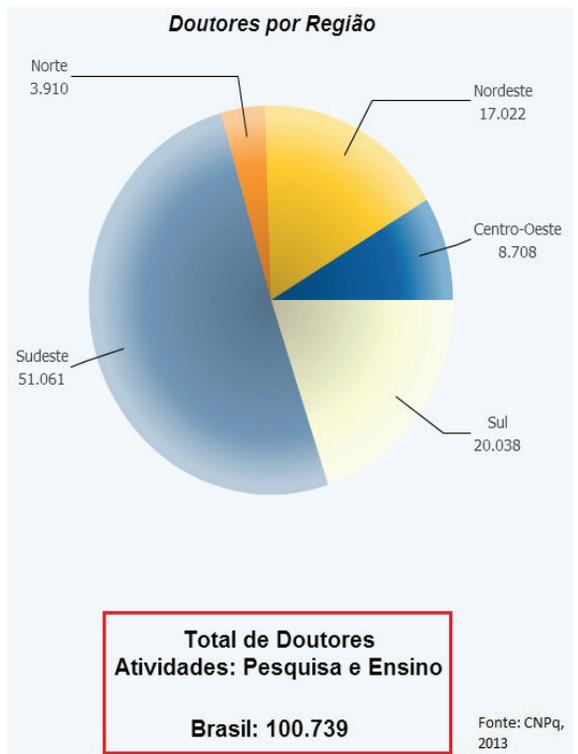
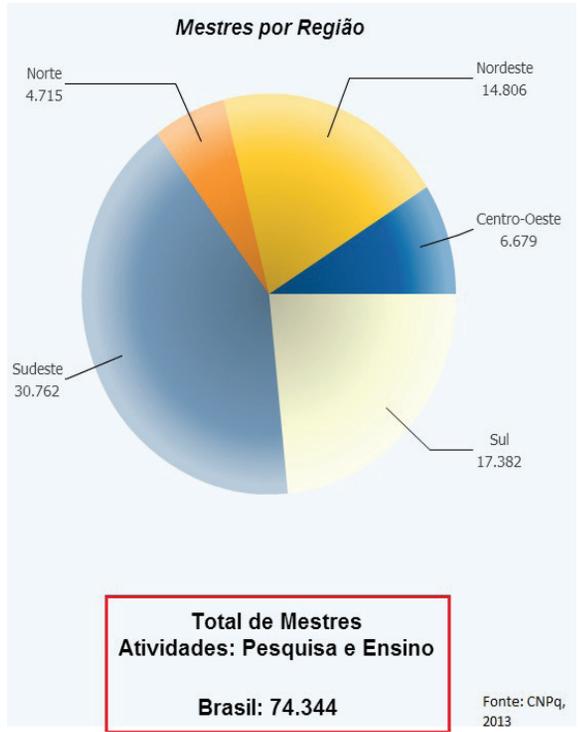
No processo de disseminar informação eletronicamente ficou claro que os migrantes digitais, ou sejam as pessoas que nasceram na década de 80 tinham muito mais facilidades com a informação eletrônica. Enquanto os pesquisadores mais antigos ainda tem preferência pelo impresso.

### ACESSO ABERTO

O sistema de comunicação científica tem significadamente sofrido o impacto da comunicação eletrônica, mas recentemente no que concerne ao acesso aberto à literatura científica. Nesse sentido, periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto e repositórios ampliam a disseminação da pesquisa de modo exponencial, maximizando seu impacto, sua visibilidade e seu progresso.

A gestão do conhecimento é questão fundamental para discussão do acesso aberto, visto que se relaciona com os processos tanto de socialização quanto de explicitação do conhecimento científico. Estes processos, por sua vez, formam os Mundos 2 e 3 de Popper, assim como a passagem de um para o outro, o que, na abordagem de Brookes, constitui o objeto de estudo da Ciência da Informação. Repositórios institucionais representam a ferramenta fundamental para o acesso aberto ao conhecimento.

## O contexto científico no Brasil



## Iniciativas do acesso aberto no Brasil

**OASISBR** - Portal de pesquisa em publicações científicas brasileiras <[www.ibict.br/oasisbr](http://www.ibict.br/oasisbr)>  
**BDTD** - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações <[www.ibict.br/bdtd](http://www.ibict.br/bdtd)>  
**Seer** - Sistema para criação e gestão de revistas científicas brasileiras <[www.ibict.br/seer](http://www.ibict.br/seer)>  
**SERAD** - Treinamento do Seer a distância - <[www.ibict.br/seer](http://www.ibict.br/seer)>

## Iniciativas de acceso abierto en Brasil

**REPOSITÓRIOS DIGITAIS** – Apoio e criação de Repositórios Digitais <[www.ibict.br/rd](http://www.ibict.br/rd)>  
**Diadorim** – Diretório de políticas editoriais das revistas científicas brasileiras  
<[diadorim.ibict.br](http://diadorim.ibict.br)>  
**SOAC** – Sistema Online de acompanhamento de Conferências <[www.ibict.br/soac](http://www.ibict.br/soac)>  
**Portal do Livro Aberto** – Biblioteca Digital de Publicações Oficiais sobre Ciência, Tecnologia e Inovação  
<[livroaberto.ibict.br](http://livroaberto.ibict.br)>

## Iniciativas de Acesso Aberto no Brasil

Participação em redes de informação científica de acesso aberto  
**LA Referencia** <<http://lareferencia.redclara.net/rfr/>>  
**COAR Latino** <<http://www.coar-repositories.org/>>  
**Diretório Luso-Brasileño** – Reúne as publicações científicas portuguesas e brasileiras [www.diretorio.rcaap.pt](http://www.diretorio.rcaap.pt)

## As Revistas Científicas Brasileiras no Acesso Aberto

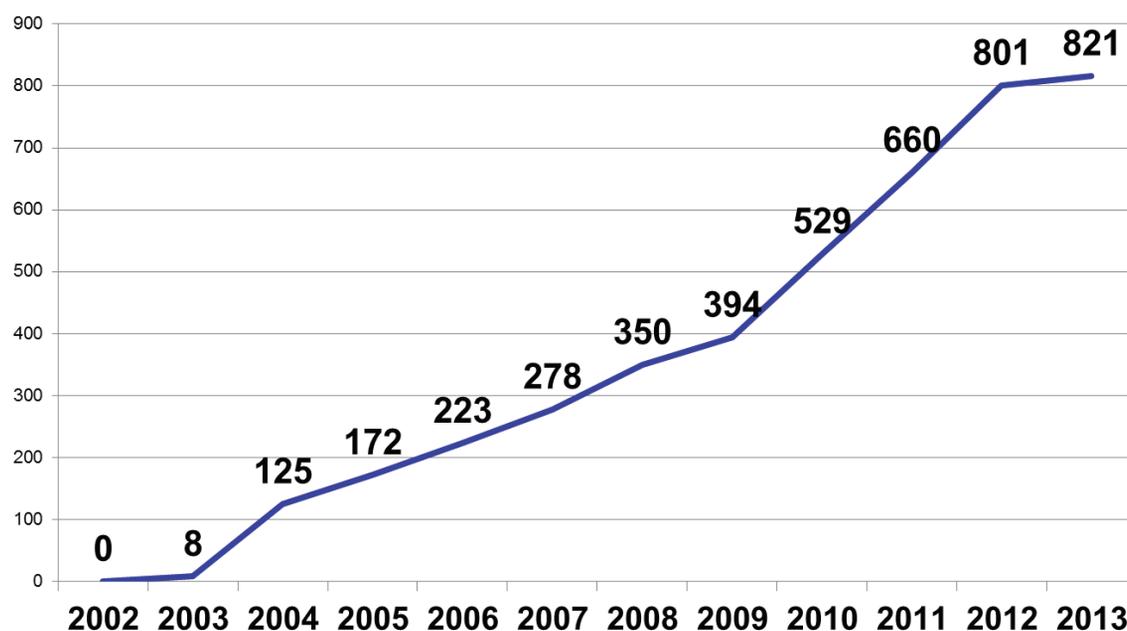
Brasil é o segundo país com a maior quantidade de revistas científicas em acesso aberto, de acordo com o Diretório do Open Access Journals (DOAJ).

- 1º Estados Unidos de América – 1292 revistas
- 2º Brasil – 821 revistas

<b>LATINDEX</b>	<b>REDALYC</b>	<b>SCIELO</b>
Diretório – 4911 títulos	136 títulos	262 títulos correntes
Catálogo – 1799 títulos		

País	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Brasil	Número total de revistas em DOAJ por ano											
	0	8	125	172	223	278	350	394	529	660	801	821
	Número total de revistas adicionadas no DOAJ por ano											
	0	8	117	47	51	55	72	44	135	131	141	15

### Evolução das Revistas Científicas Brasileiras nos últimos 10 anos



Fonte: Diretório do Open Access Journals (DOAJ), 2013.

### Os Repositórios Brasileiros de Acesso Aberto

**REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS** – Reúnem toda a produção científica de uma Instituição.

**PRODUÇÃO CIENTÍFICA** – artigos de revistas, livros, capítulos de livros, teses, apresentações em eventos científicos.

- Os 40 servidores distribuídos do Ibict (computadores) para ensino e pesquisa.

### Os Repositórios Brasileiros de Acesso Aberto

- No Brasil temos 66 repositórios digitais criados, entre institucionais e temáticos.
- Também, 15 em etapa de implementação.

## Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD

- Integra em um único portal de teses e dissertações das Instituições de pesquisa no Brasil e de brasileiros que realizaram cursos no exterior.
- São 97 instituições que participam do projeto. É o maior consórcio nacional de teses e dissertações do mundo.

## Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

Mais de **214.000** teses e dissertações - Disponíveis em: <http://www.ibict.br/bdtd>



## **Sistema Eletrônico de Edição de Revistas - SEER**

- SEER é um software para a construção e gestão de publicações periódicas eletrônicas.
- É uma personalização brasileira do *Open Journal System* do *Open Knowledge Project (PKP)* da Universidade de British Columbia.

Brasil tem, agora, 1.065 revistas criadas com o SEER e 127 portais de revistas.

Disponível em: <http://www.ibict.br/seer>

## **Portal do Livro Aberto em CT&I**

- Tem por objetivo reunir, divulgar e preservar as publicações oficiais em Ciência, Tecnologia e Inovação.
- Obras de temas estratégicos para o desenvolvimento da Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil
- Atualmente, há 564 documentos disponíveis em texto completo.

Disponível em: [livroaberto.ibict.br](http://livroaberto.ibict.br)

## **Portal Brasileiro de Acesso Aberto em Informação Científica - oasisbr**

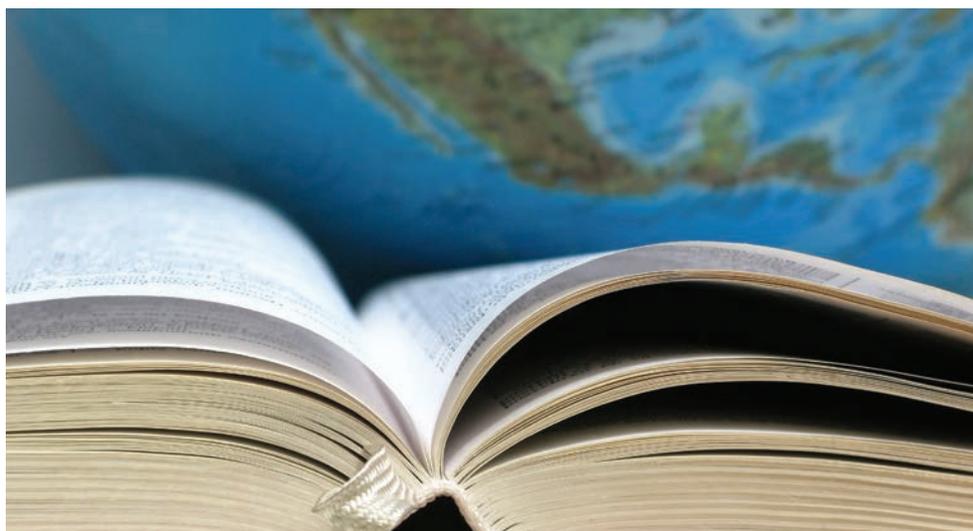
- É um portal que reúne toda a produção científica no Brasil.
- Coleta dados automaticamente dos sistemas de acesso aberto brasileiros: bibliotecas digitais de teses e dissertações, repositórios digitais e revistas científicas.
- Também é possível realizar pesquisas pela produção científica portuguesa.

Portanto, aumentam cada vez mais, os desafios da disseminação da informação e a consequente produção do conhecimento. Os Portais de livre acesso, os repositórios digitais, o livre acesso à informação passam a ser os grandes indicadores para a inclusão na sociedade do conhecimento.



## Editoras universitárias da Amazônia na era digital

Antonio Gilson Gomes Mesquita<sup>1</sup>



fonte: www.sxc.hu

O termo livro tem sua origem no latim “*liber*” cujo significado remete ao corte vegetal em forma de lâmina. Em seu sentido mais amplo, nada mais é do que a reunião de folhas manuscritas ou impressas cujo objetivo é a transmissão do conhecimento produzido e/ou adquirido às gerações atuais e futuras. Esta ferramenta do saber constitui-se no principal produto das editoras.

A primeira Editora Universitária de que se tem conhecimento, a Cambridge University Press, foi instituída em 1534 pelo Rei Henrique VIII, com a finalidade inicial de disseminar o conhecimento de forma genérica e contribuir para o avanço do ensino, da pesquisa e da literatura (ROSA, 2002; DOURADO, 2012).

As Editoras Universitárias têm a missão de difundir o conhecimento e a cultura produzidos no âmbito das universidades junto à comunidade acadêmica na qual estão inseridas, bem como para a sociedade em geral. Por este motivo, conta com a produção de livros, revistas, periódicos ou outras formas de divulgação, contribuindo para o desenvolvimento técnico, cultural e científico.

Na atualidade, muitas mudanças estão em curso no setor editorial acadêmico mundial, principalmente no que diz respeito à grande produção intelectual e sua consequente acessibilidade, o que tem forçado as editoras a criarem estratégias de

<sup>1</sup> Pós-doutorado em Diversidade Genética pela Universidade Federal de Viçosa (2011), possui doutorado em Genética e Melhoramento Vegetal pela UFLA (2002). Mestre em Melhoramento Genético pela UFV (1997). Professor de Genética/Biotecnologia no PPG Rede Bionorte de Biotecnologia e Biodiversidade desde 2012. Representante das Editoras da Região Norte na Associação Brasileira de Editoras Universitárias - ABEU.

inserção de suas obras junto ao público leitor. Para isso, muitas ferramentas estão sendo empregadas, principalmente aquelas baseadas nas tecnologias da informação, isso porque se pode agregar valor, dar ampla divulgação e promoção do conhecimento, ao se implementar o formato digital (e-books).

Presencia-se, hoje, uma situação ímpar de mudança da cultura de produção de obras impressas para a cultura digital. Tal mudança é similar ao ocorrido na transição entre o papiro e o pergaminho e do pergaminho ao papel, quando do surgimento da imprensa. E isso só está sendo possível graças ao desenvolvimento e evolução das tecnologias da informação e da internet, que se avolumaram a partir do século XXI.

Muitos modelos de publicação de livros digitais surgem a cada momento, em todo o mundo, com o objetivo básico do enfrentamento à perda de receita sofrida pelas editoras acadêmicas na produção de livros impressos. Desse modo, as obras digitais podem atingir valores extremamente acessíveis e por vezes serem até gratuitas. Como iniciativa exitosa tem-se o modelo baseado no acesso livre à informação para livros digitais (Open Access – OA), cujo espaço junto ao público leitor e aos editores de periódicos científicos já está consolidado, busca-se agora a inserção no contexto da produção de livros acadêmicos.

Dourado (2012) é entusiástica ao afirmar que o acesso aberto gera inúmeras possibilidades aos autores em obter maior alcance de divulgação de seus trabalhos acadêmicos, proporcionando uma maior visibilidade junto aos usuários, pesquisadores, estudantes e ao público em geral.

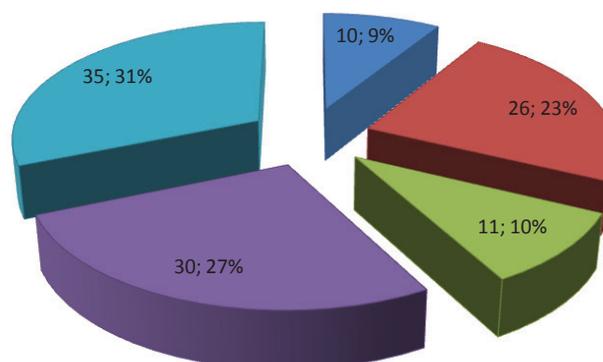
As novas tecnologias, que estreitam laços entre a comunicação e a informação, têm produzido aparatos multimídias que acrescentam recursos de som, vídeo, texto e imagens, propiciando uma maior experiência e conforto de leitura, além de possibilitar a interação com outros leitores via redes sociais e aos poucos têm mudado hábitos tecnológicos e culturais dos leitores, principalmente os da nova geração.

Um fator preponderante que tem contribuído para o avanço e consumo de livros digitais em números crescentes, é, sem dúvida nenhuma, a popularização dos computadores de uso pessoal, notebooks, ultrabooks, tablets e smartphones, que usam sistemas de armazenamento e leitura mais eficientes e versáteis do que o papel.

As Editoras Universitárias que compõem a base de associados da ABEU (Associação Brasileira de Editoras Universitárias) perfazem um contin-

gente de 112 entidades (ABEU, 2013) e estão distribuídas de acordo com seu quantitativo e por região com pode ser observado no gráfico abaixo.

### EDITORAS UNIVERSITÁRIAS POR REGIÃO



Na Região Norte, constata-se a existência de editoras nas Universidades Federais do Acre (EDUFAC), Amazonas (EDUA), Pará (EDUFPA), Rural do Amazonas (EDUFRA), Rondônia (EDUFRO), Roraima (EDUFRR), Tocantins (UFT), Universidade do estado do Pará (EDUEPA), Universidade da Amazônia (UNAMA) e Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). É flagrante a ocorrência de grande desequilíbrio regional na distribuição das editoras, a exemplo do que acontece com os recursos da União, com concentração esmagadora nas Regiões Sul (35) e Sudeste (30), seguido pela Região Nordeste (26) com representação significativa, dado o elevado número de estados que a compõem e à existência de várias Instituições Federais e Estaduais de Ensino Superior. O Centro-Oeste (11) e o Norte (10) ainda têm poucas editoras, porém já consolidadas ou em fase de consolidação, que conseguem atender as demandas regionais.

O estudo conduzido por Dourado (2012) sobre as iniciativas de publicação de livros digitais comprovou que este número tem sido crescente. Em maio de 2011, 15% das editoras publicaram livros digitais, já em 2012, esse número aumentou para 21%, representando 6% de acréscimo, sendo esta a tendência esperada para o futuro das editoras universitárias brasileiras, em especial as da Região Norte que compartilham esse movimento.

A Editora da Universidade Federal do Acre (EDUFAC) é o principal canal de divulgação da Produção Científica da UFAC e desde seu

surgimento (2003) vem se destacando no sentido de dar maior visibilidade ao conhecimento que vem sendo produzido nesta instituição, em suas mais variadas áreas do conhecimento. A marca Edufac está presente em mais de 100 títulos fundamentais para a formação intelectual do público leitor acriano e brasileiro.

Em 2013, a EDUFAC completará dez anos de sua institucionalização, como ação comemorativa deu início a sua inserção na era digital lançando seu primeiro e-book intitulado “Luzes, câmera, palavras!”, escrito em uma linguagem dinâmica, trazendo um verdadeiro exercício de “desconstrução” dos elementos de dez filmes analisados para criar uma inovadora visão sobre o cinema. Esta obra é de acesso livre e sua distribuição é baseada na estratégia do pagamento social, isto significa que para baixar e ler o livro o usuário terá que fazer uma postagem no facebook ou no twitter e seu círculo de amizade saberá qual sua preferência de leitura, consequentemente, disponibilizando o link de acesso a seus amigos, multiplicando a informação no alcance que a rede mundial de computadores possa permitir.

O livro digital já é acessível aos leitores em qualquer lugar do mundo, desde as regiões mais desenvolvidas até aquelas de difícil acesso. E, em um futuro próximo, atingirão também comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas dentre outras. Uma verdadeira comunidade digital mundial interligada pela internet.

Finalmente, os embates e calorosas discussões sobre o fim do livro como hoje é concebido, que aparenta ser de simples enfrentamento ou solução, na verdade, é apenas uma evidência de outro turbilhão tecnológico quanto às novas possibilidades de narrativas e leituras digitais. “Essas inovações convergem de tal forma que, no futuro, as experiências de ler, ouvir e ver não serão mais distintas. Uma nova semântica já começa a se instaurar a partir da internet. Os próprios conceitos de livro e literatura já não parecem mais tão claros diante das novas mídias” (COSTA, 2010). Este é o futuro que nos aguarda.

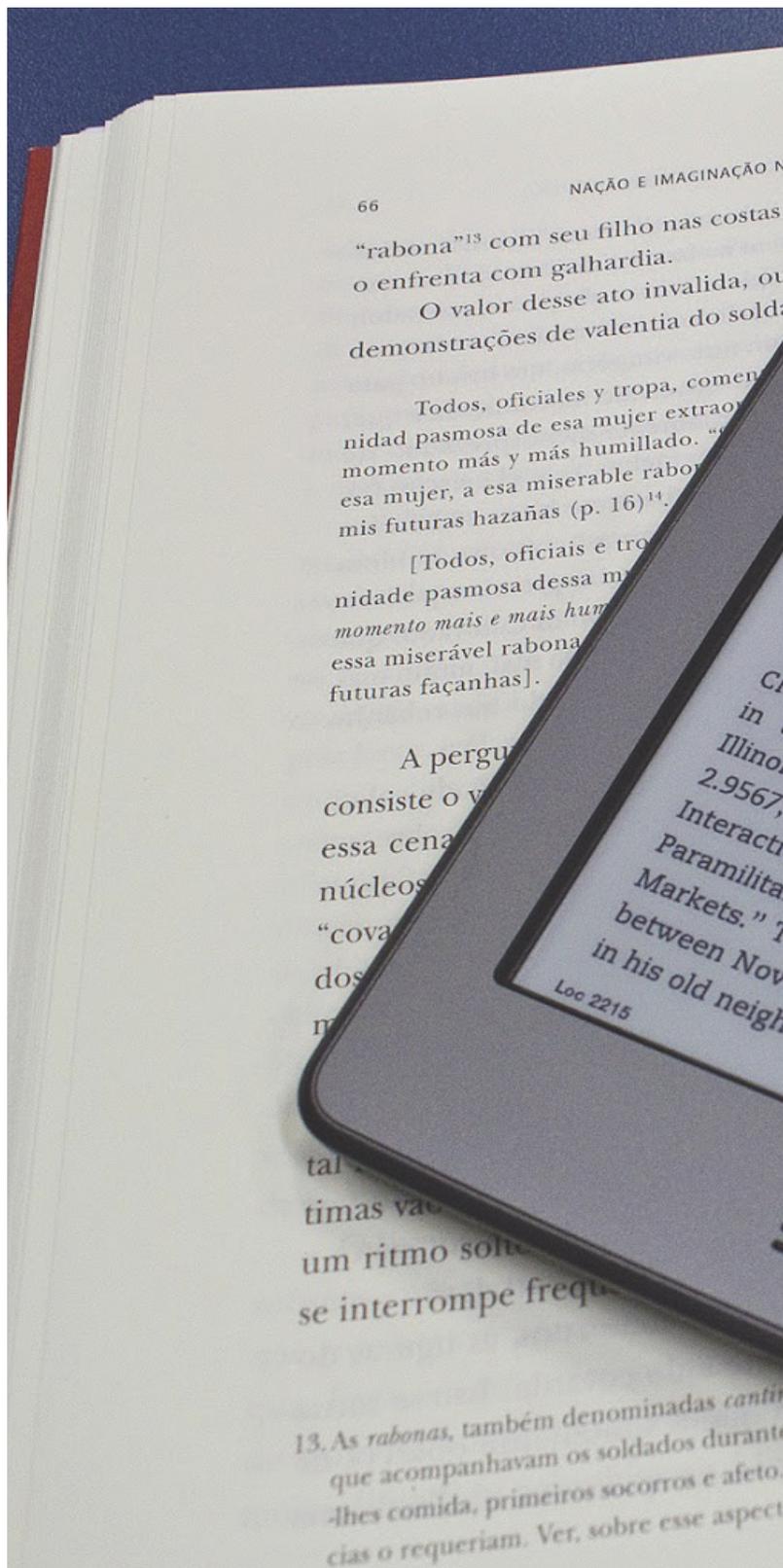
## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORAS UNIVERSITÁRIAS. *Editoras Associadas*. Disponível em: <<http://www.abeu.org.br/EditorasAssociadas.aspx>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

COSTA, Cristiane. Admirável Livro Novo. *Revista Bravo*, abril, 2010. Disponível em: <<http://bravonline.abril.com.br/materia/ipad-admiravel-livro-novo>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

DOURADO, S. M. Identificando a inovação editorial na cadeia produtiva do livro universitário brasileiro. 2013. 111f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação)– Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, Bahia. 2012.

ROSA, F.G. O valor do design gráfico nas publicações da Edufba. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25, 2002, Salvador. Anais. São Paulo: Intercom, 2002.



### Chapter Seventeen

Jason Breckinridge wears a terracotta blazer. It is the color of Sicily. Jason Breckinridge has never been to Sicily. He may get to go there someday, as a premium. In order to get the free cruise to Sicily, Jason has to accumulate 10,000 Goombata Points.

He begins this quest in a favorable position. By opening up his own Nova Sicilia franchise, he started out with an automatic 3,333 points in the Goombata Point bank. Add to that a one-time-only Citizenship Bonus of 500 points and the balance is starting to look pretty good. The number is stored in the big computer in Brooklyn.

Jason grew up in the western suburbs of Chicago, one of the most highly franchised regions in the country. He attended the University of Illinois business school, racking up a GPA of 2.9567, and did a senior thesis called "The Interaction of the Ethnographic, Financial, and Military Dimensions of Competition in Certain Nova Sicilia and Narcolombia franchises in neighborhood in Aurora."

29%

ores impressionistas e intimistas, que mostram o jovem subtenente do a cada momento com a constatação de sua própria inex- do esto constituía una novedad en extremo interesante quince meses que pertenecía al ejército y catorce resé el 21 de marzo de 1879" (p. 6) [Tudo mamente interessante para mim, pois o exército e catorze ao batalhão, em março de 1879]. Essa atitude interessa- herói/anti-herói em formação, que tudo ecém-chegado, pouco familiarizado e um amica do exército.

servação das rabonas, insere-se o episódio da dita, na qual os Colorados entraram como ret peruana. Enquanto os canhões peruanos respond o batalhão de Ballivián aguarda ordens superior ando de uma quebrada. Ali, onde as balas passam cima de nuestras cabezas" [zunindo sobre nossas ca onista (na memória nítida do narrador) conhece situação está estruturada de tal forma que não se tr ento possível de ser explicado pelas atrozest circunstã andam mas, sim, – e aqui está a originalidade do rel destaca pelo efeito patético que produz. Seu medo con foria coletiva que vai se apoderando do restante da tro aguarda, canta, vocifera, ri alegremente e conta ca todos charlaban y todo en torno mío era animació que no despegaba los labios y permanecía tacitu yo" (p. 7) [Todos riam, todos falavam e tudo ao m e alegria. O único que não descolava os lábios e em silêncio era eu].

Em contraste com esse desprendimen posição do grupo, Ballivián confessa tamb há dias, contendo a seu sofrimento um

## O livro como indicador de produção e produtividade acadêmica: a política de publicação das Editoras Universitárias Brasileiras

Maria das Graças Monteiro Castro<sup>1</sup>

### O LIVRO NA VIDA ACADÊMICA

Para a compreensão da importância do livro na vida acadêmica, é preciso retomar a história social e cultural da comunicação impressa, o que implica considerar como as ideias foram transmitidas nessa forma e como afetaram o pensamento e a conduta da humanidade desde a época de Gutenberg. É preciso entender como os livros surgem e se propagam na sociedade e como se dá o circuito de comunicação do autor ao editor, passando pelo impressor, distribuidor, livreiro e leitor.

Vale lembrar que a história do livro como objeto material vem desde a cultura acadêmica renascentista, constituindo-se com base no estudo do modelo geral da produção e do consumo, cotejando edições, leis de *copyright*, processos mentais dos leitores de diferentes épocas, história da editoração, entre outros, como destacado por Darnton (2010).

O livro, entendido como mercadoria, foi um dos primeiros produtos a serem produzidos em série. Isso possibilitou um alcance maior, por parte das camadas mais amplas da população, ao conhecimento filosófico, histórico, científico, literário e religioso, que até então era reservado apenas à elite e acumulado desde a Idade Média por meio dos manuscritos. Ainda na Idade Média, quando do surgimento das primeiras universidades, o livro era um instrumento vital para o trabalho e para a própria existência da instituição acadêmica, uma vez que, em função do ensino, os livros passaram a ser cada vez mais necessários (BUFREM, 2001, p. 31). Nas universidades francesas, espanholas e italianas era mantida a prática dos *scriptoria* dos mosteiros, de reprodução de textos que interessavam à vida acadêmica.

Para além da compreensão das etapas constitutivas do livro, é fundamental compreendê-lo nas relações com outros sistemas: econômicos, sociais e culturais. A compreensão deste modelo pode ser detalhada a partir do exemplo da história editorial de *Questions sur l'Encyclopédie*,<sup>2</sup> de Voltaire, importante obra do iluminismo,

<sup>1</sup> Diretora do Centro Editorial e Gráfico da UFG e professora do curso de Biblioteconomia da FACOMB/UFG.

<sup>2</sup> O mais poderoso e duradouro de todos os instrumentos para a divulgação das Luzes – obra magna da propaganda iluminista – foi a edição da Enciclopédia, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts, et des métiers, dirigida por Jean Le Rond d'Alembert (entre 1751-54) e, em seguida, por Denis Diderot. Grandiosa publicação que se seguiu por vinte anos, até que, em 1772, o seu 17º volume encerrou a obra inteira. Segundo Daniel Mornet, a Enciclopédia fez do século XVIII, “com toda a certeza [...] um

que interferiu, decisivamente, no pensamento do século XVIII. O circuito da obra foi determinado pela forma como Voltaire moldou o texto e planejou sua difusão, e seu alcance pode ser determinado pelo número de edições, contratos com editores, o espaço gigantesco que ocupava nas bibliotecas da época. Voltaire tinha por hábito “remendar seus livros, adicionando e corrigindo trechos enquanto ajudava edições piratas pelas costas dos editores originais” (Darnton, 2010, p.190). Essa atitude de Voltaire, no entanto, não era atribuída a ele pelos leitores e sim aos editores, que enfrentavam grandes problemas para contornar essa recorrente prática do autor, que não vivia do ofício de escritor. Sua intenção era fazer avançar suas ideias e as do Iluminismo pela França. No entanto, os livreiros contornavam os problemas em função do volume de vendas dos livros de Voltaire. Um dos maiores livreiros da época encomendou antecipadamente trinta coleções de nove volumes de *Questions sur l'Encyclopédie*, em função da certeza da demanda pelo autor. Assim, a obra e as inúmeras edições de Voltaire se tornaram valiosas e cobiçadas pelos livreiros da época.

Além da compreensão histórica do livro como suporte de veiculação do pensamento humano, há de se situá-lo como mercadoria. Desse modo, cabe conhecer mais a fundo os meandros do modo de produção, divulgação e circulação do produto livro. Castro (1998, p. 17) contribui, nesse sentido, ao explicar que:

Enquanto produto do trabalho, o livro contém em si trabalho objetivado, materializado, convertido em mercadoria. A mercadoria livro se caracteriza por satisfazer necessidades humanas culturais e espirituais, o que lhe confere valor de uso. Mas é como valor que a mercadoria livro se iguala a todas as outras mercadorias existentes. A indústria editorial segue as mesmas regras de produção de toda e qualquer mercadoria e seus produtos constituem-se pela utilidade ou valor de uso que é determinado pela qualidade real do produto livro mas é sobretudo por seu valor que se configura no mercado. O valor de uma mercadoria expressa a objetivação ou materialização do trabalho abstrato; portanto, visto dessa forma, sob a égide do capital, o livro é uma mercadoria como outra qualquer e sua especificidade fica submetida aos preceitos do mercado.

No entanto, mesmo que se apresente como mercadoria, o livro permite apresentar algumas contradições no que diz respeito às etapas de sua produção. Descrevendo as consequências do caráter fetichista do mundo das mercadorias, Goldmann (1979, p. 138) refere-se ao processo da reificação, o que concerne à substituição do qualitativo pelo quantitativo, do concreto pelo abstrato, o que tem estreita ligação com a produção capitalista para o mercado. A reificação, ocorrendo paralelamente ao desenvolvimento da produção capitalista, tende a apoderar-se progressivamente de todas as esferas da vida social e a substituir outras formas de consciência.

Apesar de ser uma das inúmeras mercadorias oferecidas para o consumo pela indústria cultural e estar submetido às mesmas condições de produção, comercialização e consumo de outros produtos, o livro ainda guarda em sua forma a relação simultânea e indissociável do material com o espiritual. O livro torna-se, ao mesmo tempo, veículo de massificação, pela forma como é tratado, e possibilidade de superação dessa condição, pelas características inerentes à produção intelectual. E não há como separar forma e conteúdo, tal qual quando Adorno (1991, p. 55) afirma que em “Homero, epopéia e mito, forma e conteúdo, não se separam simplesmente, mas se confrontam e se elucidam mutuamente”.

Como bem cultural, o livro é resultado de produção intelectual e, dessa forma, torna-se importante instrumento de formação, sobretudo no universo acadêmico. No texto *Caprichos bibliográficos*, Adorno (1991) discute a contradição entre o que os livros representam aparentemente, pela sua transformação em mercadoria adaptável às necessidades do consumidor, e o que apresenta de duradouro e não consumível em sua essência. A respeito dessa contradição observa que

[...] a expressão do bem-de-consumo, indiferente àquela a que se prende, coloca o livro, para aqueles que não são precisamente familiarizados com a técnica bibliográfica, numa contradição difícil de explicar-se, mas justamente a bem de sua profundidade, tanto mais enervante em relação à forma do livro como material e espiritual ao mesmo tempo. (Adorno, 1991, p. 17-18).

---

século enciclopédico”. Acertada sua impressão por meio de subscrições, a Enciclopédia ultrapassou largamente os seus 8.011 assinantes originais, virando leitura obrigatória entre os homens cultos do século. Foi uma obra consultada por uma quantidade inúmerável de leitores por toda Europa e América incluída. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/iluminismo.htm>>.

A possibilidade de o livro superar sua condição de mercadoria encontra-se na relação de uso que dele se fizer. Na metáfora criada por Adorno para explicar o entrelaçamento do mito e do trabalho racional, encontram-se explicações para a questão contraditória da constituição do livro e da superação da supremacia de suas características mercadológicas.

Ao longo dos séculos, a universidade realiza e exprime a sociedade da qual faz parte; portanto, o valor e os critérios de avaliação do conhecimento mudaram e mudarão com o tempo, bem como as questões suscitadas para a reflexão e o pensamento. Neste último século, uma ideia de progresso e modernidade foi determinante na construção e invenção da sociedade e, conseqüentemente, da universidade. Ser moderno e progressista hoje em dia é em síntese valorizar o presente em detrimento do passado, a fragmentação em relação à unidade, o privado em contradição ao público, a quantificação e não a qualificação, o valor de troca e não o valor de uso. E a universidade, ou parte dela, assim como parte da sociedade, tem se submetido a essa ideia de modernidade.

A universidade, como espaço privilegiado para a produção de cultura e de conhecimento, é instada a fazer parte da economia de mercado, ser “moderna”, e assim os conceitos de produtividade e de improdutividade são definidos quase que exclusivamente pelo aspecto quantitativo. Nessa lógica administrada, uma das possibilidades de se verificar isso está na produção de artigos veiculados em revistas ou em livros publicados por editoras.

E aí então cabe perguntar: como quantificar de fato a produção científico-cultural? Uma universidade útil e eficiente seria aquela que publica mais?

A universidade deve tornar pública a sua produção cultural, sem contudo instrumentalizar-se.

Nesse quadro de produção acadêmica, o livro é obviamente mercadoria, como tudo que é produzido no modo de produção capitalista, sem ser, é importante registrar, o melhor investimento, pois a própria tecnologia para a sua produção é mais lucrativa do que o objeto final. Não obstante, o livro é também forma e conteúdo do conhecimento instituído na universidade, expressão maior da atividade acadêmica, e, nesse sentido, conhecimento difícil de ser valorado, quantificado e traduzido monetariamente. Na atual conjuntura, parte dos trabalhos apresentados para as editoras universitárias, em função das cobranças dos altos índices de produtividade, produz escritos cujo objetivo principal é o cumprimento das novas regras administrativas, agravando o já combalido valor de uso do livro, dada a sua intrínseca desvalorização nesse processo.

Nesse contexto torna-se necessário discutir as políticas editoriais das editoras universitárias e

como estas as têm definido, incluindo suas linhas, considerando-se as exigências de publicação na carreira acadêmica e nas avaliações institucionais. Além disso, busca verificar como a demanda por publicações, que atendam às exigências dos órgãos de fomento, tem afetado a produção intelectual e as editoras universitárias.

Uma vez que são as editoras universitárias que definem sua política editorial, torna-se premente a problematização das seguintes questões: quais são seus critérios de avaliação? Como são compostas suas linhas editoriais? Qual é a configuração de suas demandas e qual é o papel do conselho editorial no processo de produção intelectual?

Bufrem (2001, p. 21) assim se refere sobre esse aspecto:

Historicamente, a universidade tem, entre suas funções, a de patrocinar a realização de pesquisas para a geração e renovação de conhecimentos e a produção do saber. Em decorrência, há a necessidade de documentar e transferir esses resultados, uma das principais justificativas para a existência das editoras universitárias.

As atividades editoriais, na contemporaneidade, ou não, são a tradução mais fidedigna do conhecimento produzido por uma Universidade, uma vez que devem refletir o projeto político adotado pela instituição, desenvolvendo, por meio de sua política editorial, um projeto intelectual de preservação do pensamento humano. E essa política só se concretiza e se consolida ao se nortear por um conjunto de critérios comprometidos com o ensino, com a produção da ciência, da tecnologia, da arte e da cultura – enfim, os pressupostos básicos do tripé acadêmico ensino, pesquisa e extensão. À qualidade científica, artística e cultural devem estar aliados outros compromissos determinados pela forma de produção dos livros, tais como: o de atender a um público-leitor, o de estabelecer linguagens, o de atender a demandas e, acima de tudo, o de assumir os espaços não ocupados pelas editoras comerciais.

No caso de uma instituição pública de ensino superior, o papel se amplia quando se produzem livros que devem também contribuir para a formação de leitores universitários em seus campos específicos. Nesse sentido, os conselhos editoriais se tornam responsáveis pela formalização das políticas que nortearão suas publicações: o quê, para quem, por quê, como, onde e quando publicar? É aí que a editora universitária se destaca, pois tem uma política editorial definida por um conselho de representantes, competente, respeitado e independente, não correndo o risco de ser confundida com uma gráfica, que aluga um selo para ser colocado na capa de um livro.

Chauí (2003, p. 6) afirma que a universidade é uma instituição social que exprime a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade, concebendo-se a si mesma como uma instituição republicana e, portanto, pública e laica, inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber. No entanto, explica que, nos últimos anos, a universidade pública sofreu mudanças, determinadas pela reforma do Estado que definiu a universidade como uma organização social, prática social determinada pela instrumentalidade na obtenção de objetivos particulares, balizados pela gestão, planejamento, previsão controle e êxito, e não como uma instituição social, que tem a sociedade como seu princípio. Tal realidade seria reflexo da forma atual do capitalismo caracterizado pela fragmentação de todas as esferas da sociedade, partindo da fragmentação da produção, da dispersão espacial e temporal do trabalho.

A universidade, então concebida como uma organização social, passa a ser regida por contratos de gestão, avaliadas por índices de produtividade, calculada para ser mais flexível (...) estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional (...) definida por normas e padrões inteiramente alheios ao conhecimento e à formação intelectual, está pulverizada em micro organizações que ocupam seus docentes e curvam seus alunos a exigências exteriores ao trabalho intelectual. (CHAUÍ, 2003, p.7).

Para a compreensão do processo de reforma da educação superior no Brasil, Dourado (1999, p. 5 a 7) explica que “é preciso considerar que esse processo é parte de uma conjuntura e de um processo internacional mais amplo de reestruturação do estado e da educação”, determinando novas funções para a educação superior. Esse cenário pode ser explicado a partir de três “matrizes fundamentais: a revolução técnico-científica ou tecnológica, o processo de globalização e o projeto neo-liberal”. Com as mudanças no mundo da produção e do trabalho, um novo perfil de trabalhador e um novo modelo de formação profissional são exigidos, estabelecendo um padrão de eficiência e de qualidade para manter a competitividade, característica fundamental do mercado. Nesse sentido, Dourado afirma: “a sociedade é entregue às forças da concorrência

como princípio de organização social”.

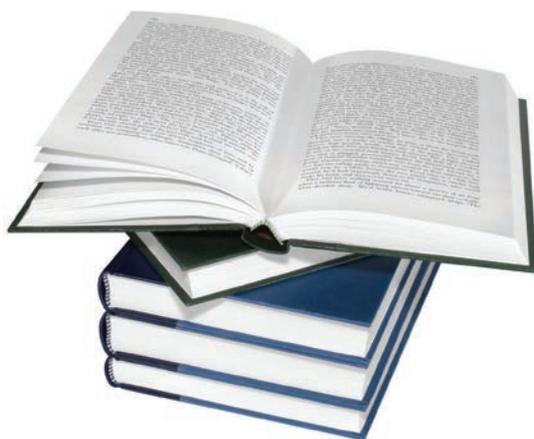
Trata-se de transformações que são oriundas do processo de mundialização e da acumulação do capital, da reconfiguração do papel do Estado e das políticas públicas, sobretudo na área da educação, que vêm determinando a função das universidades públicas, obrigando-as a assumir a ciência, o conhecimento e a inovação tecnológica como parâmetros e estratégia de competitividade, acentuando o pragmatismo, a competição e a privatização. A noção de educação superior, como bem público, direito social e dever do Estado, está sendo substituída pelo referencial economicista, de ajuste ao contexto atual, em que a universidade necessária é aquela que se apresenta com uma perspectiva utilitarista, empreendedora, flexível e inovadora, ajustada para a formação de competências requeridas e constantemente alteradas pelo mercado de trabalho.

A educação superior passa a ser tratada como investimento realizado, totalmente passível de retorno econômico, com um projeto acadêmico voltado para a produção da mais-valia, submetido às demandas, orientações e controle de qualidade externos à academia e ao campo científico.

No Brasil as reformas do Ensino superior foram desencadeadas pelo MEC, na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, como uma das exigências de modernização do Banco Mundial e do FMI e de corporações internacionais (DOURADO apud TOMMASI et al., 1996).

Discorrendo sobre as políticas de gestão e de avaliação institucional no contexto da reforma da educação superior, Oliveira et al. (2004, p. 15) apontam para as alterações no padrão de regulação, gestão e controle da produção do trabalho acadêmico, decorrentes das mudanças organizacionais da IES e da centralidade da avaliação no processo de reestruturação da educação superior.

As diretrizes da reforma educacional foram apresentadas com a aprovação da Lei nº 9394/96 (LDB), consolidada em dois eixos: flexibilidade e avaliação (OLIVEIRA apud CURRY, 1997); diversificação da organização acadêmica do sistema federal de ensino superior em universidades, centros universitários, faculdades integradas, faculdades, institutos ou escolas superiores.



fonte: www.sxc.hu

Esta estrutura vem, de acordo com Oliveira (2004), naturalizar a separação entre ensino e pesquisa, a partir da definição de universidade caracterizada pela oferta das atividades de ensino pesquisa e extensão, destinando-se à produção do conhecimento, e as demais estruturas organizacionais responsabilizando-se pela oferta regular apenas de ensino.

O controle sobre a gestão universitária ocorreu com a publicação do Decreto nº 3860/2001, que instituiu uma nova forma de avaliação, tanto interna quanto externa, sobre a produção do trabalho acadêmico. Em 1998, foi implantada a Gratificação de Estímulo à Docência (GED) e foram criados os programas de modelação institucional, causando impacto decisivo na definição dos objetivos da produção acadêmica e na valorização do desempenho quantitativo, produtivista<sup>3</sup>.

A remuneração docente é articulada cada vez mais à avaliação. As progressões na carreira são concedidas mediante a avaliação do desempenho, que se centra na concepção de produtividade. Instituem-se um sistema competitivo por recompensas financeiras e uma autonomia docente totalmente regulada por objetivos externos à natureza do trabalho acadêmico. Oliveira (1999, p. 71) afirma:

[...] o novo elemento que adentra ao universo acadêmico e, portanto, às relações de produção acadêmicas chama-se dinheiro. As relações contratuais parecem adquirir uma nova forma e um novo conteúdo. Estabelece-se um modo de obter ganho *adicional*, até então existente apenas como *possibilidade*. O princípio de valor de uso da produção acadêmica entra em choque com o princípio do valor de troca das mercadorias acadêmicas.

Na área de humanas, o livro tomado em seu formato impresso ou eletrônico se constitui, atualmente, como uma das mercadorias mais almeçadas no meio acadêmico em decorrência das políticas de avaliação interna ou externa e das agências de fomento. A produção intelectual da comunidade científica tornou-se um dos aspectos avaliados a partir da década de 1980, pelas agências de fomento, e algumas universidades passaram a usar procedimentos de classificação dos programas de pós-graduação, para alocar recursos financeiros, ou dos docentes, para a definição de contratos e regimes de trabalho, progressões, concessão de auxílios e bolsas de pesquisa. Seria, portanto, fundamental que, além de quantificar a produção intelectual, esta passasse a ter regularidade e qualidade. Essa prática se oficializou quando a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) condicionou a atribuição de conceitos aos programas de pós-graduação à produção intelectual.

As publicações (periódicos e livros) são consideradas, genericamente, a partir de duas linhas sistêmicas de avaliação. A primeira diz respeito ao impacto causado nos programas de pós-graduação, já que têm peso nos relatórios da Capes. A segunda, pode-se dizer, guarda relação com o papel individual do pesquisador, o que implica a concessão de fomentos para pesquisa e bolsas individuais. A Capes, por meio do Qualis, construiu uma espécie de metodologia universal, cujo propósito é sua aplicação a todas as áreas do conhecimento.

A maior produtividade intelectual é estimulada, sobretudo, com artigos de periódicos, porque está associada aos processos de avaliação da pós-graduação. Isso tem gerado uma disputa intrainstitucional entre as editoras e os programas, em virtude dos critérios editoriais, impedindo o atendimento à demanda dos respectivos programas

A academia vive, atualmente, uma versão do “*publish or perish*”, situação que vigora nas universidades norte-americanas desde a década de 1960. Segundo Waters (2006), é “quando os livros deixam de ser meios complexos e se tornam, em vez disso, objetos sobre os quais quantificamos”. Waters afirma ainda que uma das áreas mais afetadas foi a das humanidades, uma vez que, com a transformação da universidade em negócio, permitiu-se a profanação das publicações, cerne do processo acadêmico. E assim expõe o problema:

As humanidades estudam livros e artefatos para encontrar os traços de nossa condição humana. Afirmando que há um elo causal entre a demanda corporativa pelo aumento da produtividade e o esvaziamento, em todas as publicações, de qualquer significação que não seja gerar números. Agora, as humanidades estão em crise porque diversos

<sup>3</sup> A carreira acadêmica veio, gradativamente, sendo pautada pelos modelos de gestão gerencial das organizações econômicas e redefinindo “objetivos, programas, políticas de manutenção e desenvolvimento comprometidos cada vez mais com as atividades produtivas e com parâmetros de mercado, o que tem levado o trabalhador docente e a universidade pública a um processo de estranhamento do trabalho e de suas atividades institucionais” (Oliveira, 2004, p. 256).

pressupostos sobre o que conta – quer dizer, não sendo diretos demais, sobre o que soma – é algo absolutamente inimigo das humanidades. (Waters, 2006, p. 12).

A mecanização da universidade mostrou ser letal para as humanidades quando se deve ter um nível de produção intelectual incompatível com sua natureza constitutiva. Conta-se com um índice de realizações intelectuais na academia que é falso, tendo em vista suas montanhas de publicações que ninguém lê. Como se vê a ênfase é na produtividade e não na recepção.

É por meio da publicação, seja ela em que formato for, que o saber científico se torna público. A história do livro está intimamente ligada ao surgimento das universidades e o movimento constitutivo da atividade editorial e livreira tem origem com as universidades. Os suportes fundamentais para a difusão do conhecimento científico foram o livro e a revista científica, primeiramente impressa e atualmente digital. Assim sendo, o ato de editar, no universo acadêmico, passou a se constituir, definitivamente, como uma atividade formadora, cultural e educativa.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Caprichos bibliográficos. In: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. (Biblioteca Tempo Brasileiro, 36).
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- BUFREM, Leilah Santiago. *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. São Paulo: Edusp; Curitiba: Editora da Universidade/UFPR, 2001.
- CASTRO, Maria das Graças Monteiro. *Literatura infantil: livro e mercadoria na pré-escola*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998.
- CATANI, Afrânio Mendes; OLIVEIRA, João Ferreira de; DOURADO, Luiz Fernandes. A política de avaliação da educação superior no Brasil em questão. *Avaliação* (Campinas) [online]. 2001, v. 6, n. 4, p. 7-15.
- CATANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F. de; MICHELOTTO, R. M. As políticas de expansão da educação superior no Brasil e a produção do conhecimento. *Fundamentos em Humanidades*, San Luis, Argentina, v. XII, n. 23, p. 47-64, 2011.
- CHAUI, Marilena. A universidade hoje. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre universidade*. São Paulo: Unesp, 2001. p. 175-193.
- CHAUI, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003.
- DARTON, Robert. *A questão dos livros: passado presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DOURADO, Luiz Fernandes; CATANI, Afrânio Mendes (Org.). *Universidade pública: políticas e identidade institucional*. Campinas: Autores Associados; Goiânia: Ed. UFG, 1999.
- FERREIRA, Suely; OLIVEIRA, João Ferreira. As reformas da educação superior no Brasil e na união européia e os novos papéis das universidades públicas. *Nuances: Estudos sobre educação*, v. 17, n. 18, p. 50-67, jan./dez. 2010.
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARQUES NETO, José Castilho; ROSA, Flávia Garcia (Org.). Editoras universitárias: academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 331- 348.
- OLIVEIRA, J. F.; CATANI, A. M.; DOURADO, L. F. Política de gestão e de avaliação acadêmica no contexto da reforma da educação superior. In: FAVERO, Maria de Lourdes de A.; MANCEBO, Deise (Org.). *Universidade: políticas, avaliação e trabalho docente*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-262.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- WATERS, Lindsay. *Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

Contribuir para o debate entre as editoras universitárias latino-americanas. Com esse objetivo, a VERBO abre espaço para a publicação de artigos que tratem dessa temática. A proposta foi apresentada na reunião da Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y El Caribe (Eulac), em agosto de 2011, em Alagoas, Brasil. Na presente edição, são publicados os artigos : *Piedra, papel y... bytes. Los desafíos de la edición universitaria*, de Hilda Elena Hernández Carmona, vicepresidenta da Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe, e *Algunos apuntes sobre el debate colombiano relativo a la calidad de la edición universitaria*, de Nicolás Morales Thomas, presidente da Asociación de Editoriales Universitarias de Colombia (ASEUC).

# Algunos apuntes sobre el debate colombiano relativo a la calidad de la edición universitaria

Un debate intelectual que se abre como una oportunidad

Nicolás Morales Thomas<sup>1</sup>

## INTRODUCCIÓN

Colombia registró una de las discusiones más interesantes que se hayan presentado en el sector editorial en los últimos años. Se trató de una polémica fuerte, compleja, con matices de lucha de circo romano y que involucró muchos actores del sistema universitario y articulistas de algunas revistas. La polémica se centró en la calidad de la producción bibliográfica universitaria y fue desatada por un editor regional de una importante universidad pública del Departamento de Caldas que publicó un artículo en la Revista El Malpensante, titulado “La farsa de las publicaciones universitarias” (Arango, 2009). En este artículo el editor y filósofo Pablo Arango realizó un diagnóstico más bien pesimista sobre los libros universitarios y sobre las editoriales involucradas en los procesos. Aunque el artículo hacía una especial mención de los proyectos de la universidad estatal, había un tufillo de rechazo general de todos los ámbitos universitarios. Se decía que la edición universitaria era pobre, que no se vendía, que no tenía filtros y que no había editores. Se hablaba de prácticas clientelistas, bodegas repletas y editores inescrupulosos. Y resumía lacónicamente: la edición universitaria está invadida de puros “papeles inservibles”.

El artículo fue contestado por editores, intelectuales y profesores universitarios, quienes enviaron sendas cartas en las que demostraron su enojo o su apoyo. Yo mismo publiqué un artículo en la misma revista, El Malpensante, que intentó contrarrestar esta andanada de ideas frágiles y que recibí meses después un modesto reconocimiento de los premios nacionales de periodismo (Morales, 2009). Sin embargo, lo interesante es que por primera vez en la historia intelectual colombiana se abrió el debate sobre la legitimidad, pertinencia y calidad de la edición universitaria en Colombia. Es decir, por primera vez las editoriales universitarias tuvieron que explicarse e intentar hacer comprensible sus proyectos a intelectuales, periodistas, funcionarios y, en general, a segmentos importantes de la población intelectual y no solo a sus órganos de gobierno, como era la costumbre. Por lo general las universidades estaban logrando mejor posicionamiento dentro de

<sup>1</sup> Político de la Universidad de Los Andes. Presidente de ASEUC (Asociación de Editoriales Universitarias de Colombia). Director de la Editorial de la Pontificia Universidad Javeriana. En el 2010, recibió el Premio Simón Bolívar de periodismo en la categoría de educación.

la organización universitaria debido a la creciente importancia de los rankings universitarios ligados a la producción científica y por las exigencias de los órganos gubernamentales de ciencia y tecnología. En los años noventa muchas universidades colombianas realizaron un giro importante al asumir que sus editoriales debían ser el puntal de la visibilización del conocimiento científico. Así, de órganos a veces minúsculos, pobres y poco técnicos, se pasó a departamentos con presupuesto, profesionalizados y mucho mejor valorados, incluso dentro de la organización corporativa. De un par de habitaciones con un funcionario y un computador se pasó a un esquema editorial con departamentos, planeación estratégica, director administrativo, inventarios repertoriados, políticas de reimpressiones, vendedores especializados y, por último, una notable articulación con las vicerrectorías académicas y las oficinas de investigación.

## **¿PUEDEN LAS EDITORIALES UNIVERSITARIAS SALVAR EL HONOR EDITORIAL?**

Colombia, en los últimos años, como todos los países latinoamericanos, vivió un importante reagrupamiento de las editoriales comerciales y una concentración del mercado editorial en unas pocas multinacionales con fuerte arraigo español. Esta tendencia afectó desde hace varios años una de las características más interesantes que presentaba el mercado editorial colombiano hasta los años ochenta: la diversidad. Muchos de los proyectos llamativos que sacaron a flote libros que se escapaban de la categoría de interés general podían encontrar un cierto nicho en editoriales que aunque no eran universitarias construían proyectos más orientados hacia lo académico. Ya a finales de los noventa y en la primera década del nuevo milenio, las editoriales comerciales impusieron con mayor fuerza un cierto tipo de libro asociado naturalmente con el best seller, al libro ultracomercial y al libro utilitario. Estos libros hoy arrasan escaparates y vitrinas y monopolizan los medios masivos de comunicación con contenidos livianos que intentan cazar los grandes públicos. Por supuesto, hay libros buenos y libros malos, y esto no quiere decir que todo lo que publican los grandes editores sea desdeñable; hay cientos de libros de muy buena calidad y que pertenecen a las categorías de interés general. La editorial independiente coexiste, pero no es muy importante en el esquema general de oferta bibliográfica, por lo menos en Colombia. Pero el libro más difícil, costoso y de públicos minoritarios sufrió embates

importantes. Y ahí las editoriales universitarias se volvieron indispensables, pues emergieron con obras que comenzaron a tener mucha mejor perdurabilidad y calidad que la mayoría de la marea editorial reinante. Uno de los más importantes hallazgos en los últimos años es que las universidades están finalmente soportando un plan editorial con obras que en su conjunto son más valoradas que cientos de novedades de la industria tradicional comercial de Colombia. Es decir, sus libros envejecían mucho menos rápido que la decena de títulos del mercado editorial.

Por supuesto, los editores universitarios no evitaron el debate en relación con la calidad de sus obras y, sobre todo, asumieron un buen número de problemas de la edición académica que han venido acumulándose como trastos viejos en un zaguán. Desde hace años algunas de las universidades intentan darle coherencia a sus unidades editoriales y acoplarlas a las exigencias de visibilización científica de este siglo. Pero este planteamiento chocaba con viejas prácticas no sistematizadas y a veces muy políticas, si se me permite la expresión. Y obviamente esto representó el despliegue de gran cantidad de energías y un cierto desgaste para una primera generación de editores que debió legitimar sus propuestas, a veces, con mucha dificultad.

## **CAMBIOS Y ACIERTOS: SEIS ACCIONES QUE FORTALECIERON LA EDICIÓN UNIVERSITARIA**

Muchas editoriales universitarias colombianas decidieron entonces jugársela con una propuesta mucho más agresiva, cambiando el curso de las cosas. Podríamos enumerar los grandes aciertos de un grupo importante de universidades que cambiaron el esquema lento y poco vistoso de su accionar por uno mucho más interesante y contundente. Resaltar el trabajo de unas pocas o de un solo proyecto sería injusto. Pues cada una tiene una historia diferente y un contexto de surgimiento particular.

Estos centros universitarios lograron disponer en la segunda década del nuevo siglo de ese nuevo espíritu que intento resumir en los puntos siguientes:

1- Las editoriales universitarias modernizaron sus plantillas y las adaptaron a las exigencias de los tiempos. En efecto las casas de edición de tamaño medio (más de 30 novedades) y grande (más de 60 novedades) comenzaron por ampliar el número de empleados, haciendo mucho más especializado el trabajo. Se dejó atrás el editor que debía enfrentar

todos los temas por una estructura mucho más racional donde podíamos encontrar un área editorial claramente delimitada y otra mucho más administrativa y comercial. Y, por otro lado, se inició un proceso revolucionario: dividir las coordinaciones editoriales según su área de especialización, es decir, libros o revistas. Las razones eran evidentes: las revistas tenían desafíos en temas muy técnicos relativos a su indexación. Las plantillas de diseñadores y correctores fueron desapareciendo por un esquema de trabajo por encargo mucho más racional financieramente y mucho más interesante con relación a la diversidad de la oferta.

2- Algunos de los más importantes proyectos editoriales adoptaron revolucionarios cambios en la maquetación y en el trabajo de diseño gráfico. Las universidades están entendiendo que el tema gráfico está ligado íntimamente con los asuntos comerciales y con el posicionamiento en términos de marketing editorial de los libros. En otras palabras, hacer libros bellos, agradables o equilibrados gráficamente no es una exigencia abstracta de estetas o de artistas plásticos, sino también un requerimiento cada vez más frecuente de lectores que valoran el cuidado formal y que están dispuestos a pagar por ello. Las universidades colombianas han iniciado manuales de diseño y de pauta gráfica muy competentes. Este interés por el diseño planteó una transformación de la función de editor. En este camino, el editor ha ingresado a un espacio que por décadas permaneció a merced de los diseñadores y en muchos casos autores y directivos universitarios. El diseño se convirtió, pues, en un elemento de convergencia que podía ser explotado y que generaba rentabilidades.

3- Por primera vez se inició un trabajo serio de mercadeo y de distribución más ambicioso. El mercadeo parecía un patrimonio de las editoriales comerciales. Por años las unidades de mercadeo trabajaron cientos de posibles.

4- Se ordenó la casa (colecciones, manuales y reglamentos). Para nadie es un secreto que en muchas universidades reinaba la anarquía. Parte del problema es que cada facultad dictaba su política editorial y no existían regulaciones generales. Pues bien, una de las grandes conquistas de las universidades colombianas es que han iniciado un camino de reglamentación sin precedentes. Los acuerdos exigieron mucho trabajo político con decanos, consejos académicos y administrativos, vicerrectores y rectores. Y comprometieron a decenas de profesores a respetar criterios generales de publicación. Los manuales de citación ya no son letra muerta y cada colección deberá mantener unas reglas de

juego para que los libros mejoren su presentación y su capacidad de comunicar eficientemente.

5- Se dieron los primeros tímidos pasos para romper la endogamia de los sellos. El modelo norteamericano siempre ha sido un ejemplo para la edición latinoamericana. Y la premisa de este modelo es la edición de autores que pertenecen a otros centros universitarios, que no son el mismo de la editorial. Esta práctica no endogámica ya hace parte de la tradición editorial de este país y se inscribe en una fuerte tendencia hacia la profesionalización de las editoriales en un contexto muy competitivo. Igualar este modelo es aún una quimera. Primero, porque hay mucho menos homogeneidad entre los sellos. Y segundo, claro, porque es difícil convencer a las universidades para que los limitados recursos editoriales sean utilizados para fortalecer la carrera editorial de los docentes de centros universitarios paralelos. Sin embargo, un grupo de universidades colombianas ya dio el primer paso creando colecciones que no tienen restricciones en la selección de sus autores y privilegiando la calidad sobre la pertenencia institucional.

6- Se transformó el modelo de selección de manuscritos. Este paso es probablemente el más importante. Durante muchas décadas los criterios de selección de manuscritos eran misteriosos, arbitrarios o azarosos. No quiere decir que la calidad no fuera frecuente, pero también los catálogos se nutrían de libros escogidos en prácticas a veces poco santas. Las universidades colombianas, presionadas por los organismos nacionales e internacionales de regulación científica, comenzaron a estandarizar el criterio de selección a través de evaluación de pares y conformación de comités editoriales. Por supuesto, este punto era algo que las editoriales comerciales, por su naturaleza, tenían absolutamente claro: hay que desplegar filtros en la escogencia de los materiales. Para las comerciales muchas veces los criterios eran, como su nombre lo indica, de orden comercial, aunque no únicamente. En el caso de las universitarias, se trata de una combinación entre pertinencia, calidad y contenidos científicos. Con un punto de las universidades sobre la idea de que no todo es publicable ni todo debe ser publicable.

Las seis precedentes acciones hicieron mucho más interesante el resultado y la propuesta bibliográfica de los sellos universitarios. Modernizaron su estructura e hicieron público su trabajo. Por supuesto, detrás encontramos el liderazgo de un equipo de directivos (rectores y vicerrectores académicos) que supieron impulsar financiera y políticamente los proyectos que se imaginaron los editores. En ese

contexto, la reacción de los editores a las acusaciones de fragilidad y superficialidad de la edición universitaria no fue desproporcionada porque justamente se dio en un momento de relativa buena salud del proyecto universitario colombiano. En el artículo de respuesta a las acusaciones señalo, sin embargo, que:

La edición universitaria tiene problemas. [...] no es un jardín de rosas. Los editores de las universidades combatimos, a veces sin éxito, asuntos no muy agradables y difíciles de manejar. [...] El primero es la falta de claridad acerca del papel de los editores en la decisión de publicación. [...] Son muy conocidas las compilaciones de congresos donde nadie verdaderamente edita el contenido. [...] Y los académicos son de ego voluble y difícil y no siempre entienden la misión de la editorial. [...] Hay que agregar la falta de librerías universitarias, las fotocopias masivas de texto, las dificultades de la exportación de textos o la falta de oficinas de prensa y tendremos jornadas en las cuales queremos hacernos el harakiri. (Morales,2009)

Es posible, entonces, que sea difícil dirimir sobre si la edición

universitaria colombiana ha llegado a una cierta madurez. El camino es aún muy largo. Sin embargo, estamos seguros de que existen bases sólidas sobre las cuales se puede trabajar. La verdad es que una generación de editores construyó unas carreteras que lentamente se están convirtiendo en autopistas. Y claro, aunque faltan puentes, rutas peatonales y peajes, no es imposible pensar que en una década los proyectos ganen más experiencia, con un solo objetivo: mejorar la comunicación científica y contribuir al desarrollo de nuestros países.

## *REFERENCIAS*

ARANGO, Pablo (2009). "La farsa de las publicaciones universitarias". En: Revista El Malpensante, núm. 97, mayo.

MORALES, Nicolás (2009). "El Manizales Truman Show". En: Revista El Malpensante, núm. 102, octubre.



## Piedra, papel y... bytes. Los desafíos de la edición universitaria

Hilda Elena Hernández Carmona<sup>1</sup>



fonte: www.sxc.hu

Lo que se presenciaba con cierto escepticismo en las últimas décadas del siglo XX, en las primeras del siglo XXI dejó de ser una promesa: la digitalización del universo bibliográfico es ya una realidad. A través de Internet se ofrece el acceso a millones de libros de una manera en que antes jamás habríamos podido imaginar. El derecho a la bibliodiversidad universal está al alcance de la mano con un solo clic.

En la era de la información, los avances tecnológicos que han causado un gran impacto social se han dado a un ritmo impresionante; “el ritmo del cambio deja sin aliento: de la escritura hasta los códices, 4300 años; del código a los tipos móviles, 1150 años; de los tipos móviles a Internet, 524 años; de Internet a los motores de búsqueda, 19 años; de los motores de búsqueda a la clasificación por relevancia

<sup>1</sup> Licenciada en Ciencias de la Comunicación y maestra en edición. Tiene más de 20 años de experiencia en la edición académica. Es directora editorial del Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente (iteso), coordinadora nacional de la Red Altexto de Editoriales Universitarias y Académicas de México y vicepresidenta de la Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe.

mediante algoritmos, siete años” (DARNTON, 2010, pp. 37-38).

Mientras las tecnologías digitales y de redes impactan en la comunicación a escala global, la edición universitaria sigue trabajando de manera semiartesanal. Si bien es cierto que ha hecho uso de algunas aplicaciones digitales relacionadas con los procesos de edición, diseño y producción, las universidades siguen imprimiendo y distribuyendo libros bajo el mismo modelo de hace más de 500 años: imprimir un determinado número de ejemplares que serán distribuidos en la mayor cantidad posible de puntos de venta.

En este contexto resulta urgente la puesta al día de la edición universitaria, que históricamente ha desempeñado un papel central en la difusión, comunicación y circulación del conocimiento: el gran desafío consiste en pasar del soporte de papel al soporte digital para integrar su producción a internet, la red universal de difusión de contenidos digitales.

El paso del soporte de papel al soporte digital implica mucho más que el simple hecho de subir a internet versiones pdf de las publicaciones; demanda de la edición universitaria modificaciones en cinco aspectos fundamentales: el tratamiento de la información, la distribución de la información, el almacenamiento de la información, el tipo de acceso a la información y el modelo de disposición de derechos.

Mientras que en la edición impresa la información se concentra en un solo objeto físico que se almacena en bibliotecas y se distribuye para su venta en librerías, merced a un acuerdo de cesión exclusiva del copyright a favor de la editorial, en la era pos-Gutenberg la información se fragmenta en unidades mínimas de distribución visibles en los principales motores de búsqueda, y se almacena en bibliotecas virtuales o repositorios que cuentan con protocolos de interoperabilidad, es decir, con características que en la actualidad se consideran como criterios habituales de calidad: accesibilidad, posicionamiento en la web y calidad del código fuente, para el libre acceso del usuario.

## ACCESO ABIERTO Y COPYRIGHT

El libre acceso a los recursos digitales derivados de la producción científica o académica, sin barreras económicas o restricciones derivadas del copyright, tiene cada vez más apoyo de instituciones y comunidades científicas. La importancia del libre acceso radica no solo en que amplía las posibilidades de difusión del conocimiento y de impacto de los recursos digitales, sino también en que aumenta el valor

de los repositorios cuya gestión recaiga en la propia institución, es decir, cuando ella albergue, difunda y mantenga los ficheros.

Adoptar los protocolos de metadatos de ficheros abiertos, establecidos en el *open archive initiative-protocol for metadata harvesting* (OAI-PMH)<sup>2</sup> proporciona la arquitectura y las especificaciones técnicas para que productores y distribuidores de documentos de acceso abierto pongan a disposición de agregadores de contenidos metadatos sobre los documentos que almacenan, con el objeto de hacerlos visibles y accesibles al usuario. La OAI soluciona el problema de la dispersión de los documentos en múltiples depósitos institucionales para integrarlos de manera temática, geográfica, tipológica, temporal, etc., en una herramienta que, además, proporciona valores añadidos para el usuario final, como son un sistema de búsqueda e identificación, filtrado, alertas temáticas y medición del uso y del impacto de los documentos.

Así, la edición universitaria de libre acceso debe integrarse en un repositorio institucional que siga los protocolos de archivos abiertos, es decir, en un repositorio de acceso abierto (*open access*) que debe poder encontrarse fácilmente, para lo cual debe registrarse en algún directorio internacional con el fin de aumentar su visibilidad y facilitar su localización.

El movimiento de acceso abierto surgió como una respuesta a los altos precios de suscripción a revistas científicas y al control del copyright sobre los trabajos publicados, y fue posible gracias a los avances de las nuevas tecnologías, a la posición de la propia comunidad científica y a la libertad intrínseca de internet para la circulación y acceso a la información.

Un antecedente importante del movimiento de acceso abierto es el repositorio arXiv,<sup>3</sup> creado en abril de 1992 y que en la actualidad dispone de más de cien mil artículos de física, diez mil de matemáticas y mil de computación, aunque el verdadero movimiento internacional se dio en el siglo XXI. En octubre del 2000, la Public Library of Science (PLoS) publicó en internet una carta abierta dirigida a la comunidad científica pidiendo su adhesión al movimiento; en unas semanas, 34.000 investigadores de 180 países reivindicaron el movimiento. En la actualidad PLoS cuenta con ocho revistas especializadas en medicina de acceso gratuito, y para su trabajo recibe financiamiento de varias fundaciones y universidades.<sup>4</sup>

El movimiento de acceso abierto ha sido avalado

<sup>2</sup> <http://www.openarchives.org/OAI/openarchivesprotocol.html>.

<sup>3</sup> <http://www.arxiv.org>.

<sup>4</sup> <http://www.plos.org>.

también por declaraciones internacionales. Las más importantes son la Declaración de Budapest (Budapest Open Access Initiative [BOAI]) de 2002, la Declaración de Bethesda (2003) y la Declaración de Berlín (2003).

La primera establece el libre acceso a través de internet a los textos completos, su uso y distribución, respetando las leyes de *copyright*, pero abogando por que sean los autores o las instituciones los que dispongan de estos derechos.<sup>5</sup> La segunda complementa a la primera al establecer la garantía de que el *copyright* no sea una barrera para el acceso a los artículos y que los ficheros de estos se depositen en un repositorio institucional.<sup>6</sup> Y la tercera compromete a las instituciones firmantes a favorecer las vías de acceso abierto.<sup>7</sup>

La Declaración de Berlín establece también las características que deben cumplir los recursos de acceso abierto. Por un lado, deben garantizar el libre acceso a los trabajos publicados, el poder hacer uso de ellos y el poder copiarlos para transmitirlos o distribuirlos en cualquier formato digital, siempre con la referencia a la fuente original y a la autoría. Por el otro, deben garantizar su acceso mediante el depósito o archivo de una copia electrónica en un repositorio institucional.

Como consecuencia del impacto creciente del movimiento de acceso abierto, en 2004 Elsevier modificó su política de derechos sobre los artículos aceptados para su publicación, autorizando al autor de un artículo publicado en cualquiera de sus revistas a archivar la versión corregida de su trabajo en el sitio personal del autor o en un repositorio institucional, para lo cual debe incluir una cita del artículo publicado y el enlace a la revista correspondiente.<sup>8</sup>

Los resultados del proyecto Romeo, auspiciado por la Universidad de Loughborough (Reino Unido) y que analiza los acuerdos de *copyright* entre autores y editoriales, indican que el *copyright* ya no es un obstáculo para el desarrollo de los repositorios institucionales: casi el 90% de las revistas ya autorizan alguna forma de autoarchivo en repositorios.<sup>9</sup>

Organizaciones como el BOAI recomiendan que cuando un autor publique en una revista científica o en una editorial, pida una adenda en el acuerdo de cesión de derechos en la que se especifique que el autor puede disponer de su artículo para archivarlo

en un repositorio institucional o en una página web personal con la referencia a la fuente donde se haya publicado el trabajo.

## *E-PRINT O AUTOARCHIVO*

Durante muchos años la edición universitaria ha dado salida al conocimiento que se genera en la universidad a través de revistas científicas, libros especializados y obras compiladas, cumpliendo siempre una función de legitimación al garantizar la revisión y sanción de comités científicos o académicos y procesos profesionales de selección y edición de contenidos, criterios de confiabilidad para el lector más que nunca necesarios frente al exceso de información digital.

Del lado de los canales emergentes encontramos, además de las revistas y libros electrónicos, otros medios de comunicación científica que cada vez tienen más legitimación que se conocen como "autoarchivo" y que ponen en manos de los académicos la posibilidad de hacer público su trabajo.

## *ARCHIVOS PREPRINTS O MATERIALES PREIMPRESOS*

Son los artículos o trabajos que no han sido publicados todavía y que se someten a la evaluación de la comunidad científica. Surgieron de la idea de considerar a la red no solo como una herramienta de edición en línea que agiliza los procesos de creación y difusión, sino como una auténtica red de conocimiento globalmente compartido.

## *ARCHIVOS POSTPRINT*

Nacieron con la idea de dar a conocer la denominada "literatura gris": trabajos y comunicaciones presentadas en congresos y seminarios, conferencias, informes y, sobre todo, tesis doctorales, al considerarlas como un auténtico postprint: un producto editorial acabado, evaluado de manera positiva, previamente impreso y, por lo general, de escaso valor comercial.

El autoarchivo supone también el hecho de que el autor pueda disponer de un trabajo aceptado o publicado por alguna editorial distinta a la universidad, para archivarlo en el repositorio institucional.

<sup>5</sup> <http://www.soros.org/openaccess>.

<sup>6</sup> <http://www.earlham.edu/~peters/fos/bethesda.htm>.

<sup>7</sup> [http://www.zim.mpg.de/openaccessberlin/berlin\\_declaration.pdf](http://www.zim.mpg.de/openaccessberlin/berlin_declaration.pdf).

<sup>8</sup> [http://www.elsevier.com/wps/find/authored\\_newsistem.cws\\_home/companynews05\\_00145](http://www.elsevier.com/wps/find/authored_newsistem.cws_home/companynews05_00145).

<sup>9</sup> <http://romeo.eprints.org/stats.php>.

## POLÍTICAS INSTITUCIONALES: MOTOR DEL CAMBIO

El éxito del archivo en repositorios institucionales radica en que estos realmente sean una imagen de la producción de conocimiento de la universidad.

Sin embargo, el autoarchivo se ha topado con múltiples dificultades relacionadas con las dudas de los académicos relacionadas con los derechos de autor (copyright), las inercias y tradiciones de las comunidades académicas, la sobrecarga de trabajo e incluso las barreras generacionales ante las innovaciones tecnológicas.

Por ello, distintas universidades y fundaciones financiadoras han adoptado políticas que incluyen la obligación de cumplir con el autoarchivo.

En la Universidad de Harvard, por ejemplo, a partir del 2008 distintas facultades han firmado lo que se conoce como el "modelo Harvard" de libre acceso, que establece el mandato o la obligatoriedad de los académicos de ceder a la universidad una licencia no exclusiva que permite el libre acceso a su producción académica desde un repositorio institucional (DARNTON, 2010, p. 11).

Revolucionar la comunicación académica y ponerla al día en el siglo XXI requiere que universidades y organismos financiadores diseñen políticas que:

- Reconozcan el impacto de la publicación o comunicación académica en el posicionamiento y prestigio de la universidad.
- Reconozcan en la edición digital un aspecto

central para la investigación y la docencia.

- Integren los recursos valiosos de la universidad en términos de investigación y docencia, plataforma institucional, capacidad tecnológica y experiencia editorial.
- Sin renunciar al sello editorial, que garantiza la revisión de comités y, por consiguiente, el rigor y la calidad, den espacio a la comunicación académica emergente de autoarchivo.
- Garanticen el libre acceso a los recursos y ficheros digitales a través de una plataforma o repositorio institucional.
- Aseguren los recursos económicos necesarios para la publicación y comunicación de resultados como un renglón más del gasto previsto en los proyectos de investigación y docencia y para mantener en línea y bajo estándares internacionales el repositorio institucional.

En síntesis, que fomenten la innovación en la comunicación académica para que esta pueda integrarse de manera efectiva a la biodiversidad universal como un bien público fundamental de libre acceso.

## REFERENCIAS

DARNTON, R. (2010). *Las razones del libro. Futuro, presente y pasado*. Madrid: Trama.

fonte: www.sxc.hu



## Em todas as regiões, presente

A ABEU conta com 111 editoras associadas distribuídas nas cinco regiões organizadas do Brasil, sendo 35 no Sul, 30 no Sudeste, 11 no Centro-Oeste, 25 no Nordeste e 10 no Norte. A atuação regional é de significativa importância para a promoção contínua do conhecimento científico, interligando as universidades de modo dinâmico, bem como para o apoio ao desenvolvimento de políticas de difusão à leitura. Nas páginas a seguir, disponibilizamos a relação das associadas, informando as respectivas marcas, nome fantasia, ano de criação, principal área editorial e endereços eletrônicos.

## ASSOCIADAS DA REGIÃO SUL

### ARGOS

Argos Editora da Unochapecó – Universidade Comunitária Regional de Chapecó  
1992, Científico, Regional e Cultural  
www.isthmus.com.br/argos; e-mail: argos@unochapeco.edu.br

### EDIFURB

Editora da Fundação da Universidade Regional de Blumenau, SC  
agosto de 1986, Acadêmico-Científico, Didático-Pedagógico e de Ficção  
www.editora.furb.br; e-mail: editora@furb.br

### EDIPUCRS

Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS  
09/11/1988, Filosofia, História e Teologia  
www.pucrs.br/edipucrs; e-mail: ucrs@pucrs.br

### EDITFURG

Editora da FURG – Universidade Federal do Rio Grande, RS  
Científica, Acadêmica e Cultural  
www.vetorial.net/~editfurg; e-mail: editfurg@mikrus.com.br

### EDITORA DA ULBRA

Editora da ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS  
27/07/1993, Científico e Literário  
www.editoradaulbra.com.br; e-mail: editora@ulbra.br

### EDITORAIBPEX

Editora IBPEX LTDA - Faculdade Internacional de Curitiba, PR  
01/03/2005  
Didático-pedagógico, científico, técnico e cultural  
www.editoraibpex.com.br; e-mail: editora@editoraibpex.com.br

### EDITORAUFPR

Editora da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR  
24/03/1987  
Científico e Cultural  
www.editora.ufpr.br; e-mail: editora@ufpr.br

### EDITORAUNESC

Editora Unesc – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC  
18/4/2002, Didático-pedagógico, científico, técnico e cultural  
http://periodicos.unesc.net; e-mail: conselho@unesc.net

### EDITORAUNIJUI

Editora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS  
1985, Cultural, Científico, Técnico e Literatura  
www.editoraunjui.com.br. e-mail: editora@unjui.edu.br

### EDITORAUNISUL

Editora Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC  
1986, Científico  
www.unisul.br/editora; e-mail: editora@unisul.br

### EDITORAUNIVALI

Editora da Universidade do Vale do Itajaí, SC  
1997, Científico  
www.univali.br/editora; e-mail: editora@univali.br

### EDITORAUPF

UPF Editora – Fundação Universidade de Passo Fundo, RS  
1995, Ciência Humanas  
www.upf.br/editora; e-mail: editora@upf.br

### EDUCAT

Editora da Universidade Católica de Pelotas, RS

1988, Técnico, Científico

www.educat.ucpel.tche.br; e-mail: educat@phoenix.ucpel.tche.br

### EDUCS

Editora da Universidade de Caxias do Sul, RS  
1976, Didático, Científico  
www.ucs.br/ucs/editora

### EDUEL

Editora da Universidade Estadual de Londrina, PR  
1994, Científico, Cultural e Didático  
www.uel.br/editora; e-mail: eduel@uel.br, eduel.dir@uel.br

### EDUEM

Editora da Universidade Estadual de Maringá, PR  
1992, Científico, Técnico e Cultural  
www.eduem.uem.br; e-mail: eduem@uem.br

### EDUEPG

Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR  
1997, Regional e Acadêmica  
www.uepg.br/editora; e-mail: editora@uepg.br

### EDUFRGS

Editora da Universidade Federal do Rio Grande, RS  
19/03/1971, Cultural e Científico  
www.ufrgs.br/editora; e-mail: admeditora@ufrgs.br

### EDUFMS

Editora da Universidade Federal de Santa Maria, RS  
1981, Científica, Literária e Didática  
www.ufsm.br/editora; e-mail: editora@ctlab.ufsm.br

### EDUNIOESTE

Editora e Gráfica Universitária – Universidade estadual do Oeste de Paraná, PR  
1997, Científico e Acadêmico  
www.unioeste.br/editora; e-mail: editora@unioeste.br

### EDUNIPLAC

Fundação das Escolas Unidas do Planalto Catarinense, Lages, SC  
14/03/2002, Intelectual  
www.uniplace.net; e-mail: jplima@uniplace.net

### EDUNISC

Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul  
1993, Científica, Literária e Didática  
www.unisc.br/edunisc; e-mail: editora@unisc.br

### EDUNISINOS

Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS  
1993, Filosofia e Ciências da Comunicação  
www.unisinos.br/editora; e-mail: editora@unisinos.br

### INSTITUTOPIAGET

Instituto Piaget Editora – Unipiaget Brasil, Porto Alegre, RS  
1991, Científico e Acadêmico  
www.ipiageteditora.com. BR; e-mail: dulce@ipiageteditora.com.br

### METODISTAIPA

Centro Universitário Metodista, Porto Alegre, RS  
8/03/2005 Científica, Acadêmica e Cultural  
www.metodista.br/editora; e-mail: editora.metodista@metodistasul.edu.br

### EDITORA CHAMPAGNAT

Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, PR  
03/01/1983, Científico, Filosófico e Religioso  
editorachampagnat.pucpr.br; e-mail: editora.champagnat@pucpr.br

### UFPEL

Editora e Gráfica Universitária – Universidade Federal de Pelotas, RS

Técnico, científico, artístico e cultural  
www.prec.ufpel.edu.br/livraria; e-mail: editora@uol.com.br

#### **UNICENTRO**

Editora da Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR  
1984, Científica e Literária  
www.unicentro.br/editora; e-mail: editora@unicentro.br

#### **UNIRITTER**

Editora UniRitter – Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS  
1997, Científico e Cultural  
www.uniritter.com.br/editora; e-mail: editora@uniritter.edu.br

#### **UNIVILLE**

Editora da Universidade da Região de Joinville, SC  
Março de 2000, Científica  
www.community.univille.edu.br/editora\_univille; e-mail: editora@univille.edu.br

#### **EDUFSC**

Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, SC  
1980, Científico e Cultural  
http://www.editora.ufsc.br e-mail: editora@editora.ufsc.br

#### **IMED**

Editora IMED – Complexo de Ensino Superior Meridional, RS  
e-mail: editora@imed.edu.br

#### **UNOPAR**

União Norte do Paraná de Ensino, PR  
Científico e Cultural  
e-mail: editora@unopar.br

#### **UNILASALLE**

Editora UNILASALLE, RS  
Científico e Cultural  
e-mail: editora@unilasalle.edu.br

#### **URI - FW**

Editora Fundação Regional Integrada, RS  
Científico e Cultural  
www.fw.uri.br/site/editora/editora.php e-mail: editora@uri.edu.br

#### **ASSOCIADAS DA REGIÃO SUDESTE**

#### **ARTECIENCIA**

Editora Arte e Ciência, SP  
15/02/2002, Livros Acadêmicos  
www.arteciencia.com.br ; e-mail: editora@arteciencia.com.br

#### **FE-UNICAMP**

Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP  
03/1995, Trabalhos da pós-graduação da Faculdade de Educação  
www.bibli.fae.unisamp/editoras-online/index.php; e-mail: gilbfe@unicamp.br

#### **EDIFIEO**

Editora da Fundação Instituto de Ensino para Osasco, SP  
1997, Produção Científica, Artística e Filosófica  
www.unifieo.br ; e-mail: edifieo@unifieo.br

#### **EDITORAFIOCRUZ**

Editora Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz, RJ  
03/05/1993, Saúde Pública, Ciências Biológicas em Saúde  
www.fiocruz.br/editora

#### **EDITORAMACKENZIE**

Editora Mackenzie – Universidade Prebiteriana Mackenzie, SP  
1999, Acadêmico  
www.mackenzie.br/editoramackenzie

#### **EDITORAMETODISTA**

Editora Metodista – Universidade Metodista de São Paulo, SP  
1980, Produção Científica  
www.metodista.br/editora; e-mail: editora@metodista.br

#### **EDITORAUUFJF**

Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG  
1986, Ciências Sociais e Saúde  
www.editoraufjf.com.br ; editora@ufjf.edu.br

#### **EDITORAUFRJ**

Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ  
1986, Pensamento Crítico, História, cultura e idéias  
www.editora.ufrj.br ; e-mail: cncoutinho@editora.ufrj.br

#### **EDITORAUFV**

Editora da Universidade Federal de Viçosa, MG  
26/05/1996, Ciências Agrárias  
www.editoraufv.com.br; e-mail: editora@ufv.br

#### **EDITORAUIMEP**

Editora UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba, SP  
1992, Científica, Tecnológica e Cultural  
www.unimep.br/editora; e-mail: editora@unimep.br

#### **EDITORAUIMONTES**

Editora da Universidade Estadual de Montes Claros, MG  
1998, Técnico, científico, artístico e cultural  
www.unimontes.br ; e-mail: ddi@unimontes.br

#### **EDUC**

Editora da PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP  
1973, Acadêmica  
www.pucsp.br/educ ; e-mail: educ@pucsp.br

#### **EDUERJ**

Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ  
1994, Produção Científica e Intelectual  
www.eduerj.uerj.br; e-mail: eduerj@uerj.br

#### **EDUFES**

Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, ES  
13/6/1995, Ciências Humanas e Sociais  
www.secretariadecultura.ufes.br/editora\_ufes.php ; e-mail: ediefes@yahoo.com.br

#### **EDUFF**

Editora da Universidade Federal Fluminense, RJ  
27/08/1985, Ciências Sociais Aplicadas e Ciência Humanas  
www.editora.uff.br; e-mail: diretor@editora.uff.br

#### **EDUR**

Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ  
2006, Técnicos, Científicos e Literários  
www.editora.ufrj.br; e-mail: edur@ufrj.br

#### **EDUFSCAR**

Editora da Universidade Federal de São Carlos, SP  
1986, Livros Científicos  
www.editora.ufscar.br; e-mail: edufscar@power.ufscar.br

#### **EDUFU**

Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia, MG  
1981, Técnico, científico, artístico  
www.edufu.ufu.br; email: livraria@ufu.br

#### **EDUL**

Editora Universitária Leopoldianum – Universidade Católica de Santos, SP  
1974, Educação, Direito e Gestão Ambiental  
www.unisantos.br/edul; e-mail: leopoldianum@unisantos.br

**EDUSC**

Editora da Universidade do Sagrado Coração, SP  
Novembro de 1996, Ciências Humanas (História, Sociologia,  
Filosofia, Educação)  
www.edusc.com.br ; vendasedusc@edusc.com.br

**EUSJT**

Editora Universidade São Judas Tadeu, SP  
Técnico, científico, artístico e cultural  
www.usjt.br/editora\_sao\_judas ; e-mail: editora@usjt.br

**FCRB**

Edições da Casa de Rui Barbosa, RJ  
1942, Literária e Humanística  
www.casaruibarbosa.gov.br ; e-mail: editora@rb.gov.br

**IMESP**

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – IMESP, SP  
28/4/1891, Cultura brasileira  
www.imprensaoficial.com.br ; e-mail: fatima@imprensaoficial.com.br

**PUCMINAS**

Editora PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica, MG  
30/03/2002, Ciências Sociais, Educação e Relações Internacio-  
nais  
www.pucminas.br/editora ; e-mail: editora@pucminas.br

**PUCRIO**

Editora da Pontifícia da Universidade Católica do Rio de Janeiro,  
RJ  
2000, Psicologia, Sociologia, Matemática, Comunicação, Filoso-  
fia, Teologia, Serviço Social, Educação, Letras  
www.puc-rio.br/editorapucrio ; e-mail: edpucrio@puc-rio.br

**UFLA**

Editora da Universidade Federal de Lavras, MG  
outubro de 1998, Técnica, Científica e Didática  
www.editora.ufla.br ; e-mails: editora@editora.ufla.br

**UNESP**

Editora Universidade Estadual Paulista, SP  
03/05/1995, Ciências Humanas  
www.editoraunesp.com.br ; e-mails: castilho@editora.unesp.br

**FGV**

Editora Fundação Getúlio Vargas, RJ  
Científico e Cultural  
www.fgv.br/editora e-mail: editora@fgv.br

**UNISUAM**

Editora Sociedade Unificada de Ensino Augusto Motta, RJ  
Científico e Cultural  
e-mail: reitoria@unisiam.edu.br

**ASSOCIADAS DA REGIÃO NORTE****EDUA**

Editora da Universidade Federal do Amazonas, AM  
abril 1991, Técnico e científico  
www.edua.ufam.edu.br ; e-mail: edua@ufam.edu.br

**EDUEPA**

Editora da Universidade do Estadual do Pará, PA  
2001, Científicos e Literários  
www.upa.br/prof/eduepa ; e-mail: editoradauepa@gmail.com

**EDUFAC**

Editora da Universidade Federal do Acre, AC  
22/12/2003, Acadêmico, Científico, Técnico e Literatura  
www.editoradaufac.blogspot.com ; e-mail: editoradaufac@yahoo.com.br

**EDUFPA**

Editora da Universidade Federal do Pará, PA  
1962, Técnico, científico, artístico e cultural  
www.ufpa.br/editora ; e-mail: editora@ufpa.br

**EDUFRO**

Editora da Universidade Federal de Rondônia, RO  
20/06/2001, Técnico, Científico e Cultural  
www.edufro.unir.br

**EDUFRR**

Editora da Universidade Federal de Roraima, PR  
2007, Questão indígena, Amazônia, questões transfronteiriças  
www.ufrr.br/institucional/editora/editora-da-ufrr ; e-mail: rafasol@bol.com.br

**MPEG**

Museu Paraense Emílio Goeldi, PA  
1894, Científico, tecnológico e cultural  
www.museu-goeldi.br/editora ; e-mail: editora@museu-goeldi.br

**UFT**

Editora da Universidade Federal do Tocantins, TO  
18/8/2004, Científico, artístico e cultural  
www.uft.edu.br ; e-mail: vicereitoria@uft.edu.br

**UNAMA**

Editora UNAMA – Universidade da Amazônia, PA  
Técnico, científico, artístico e cultural  
www.unama.br/editoraUnama ; e-mail: editoraunama@unama.br

**EDUFRA**

Editora da Universidade Federal Rural da Amazônia, AM  
Técnico, Científico  
www.ufra.edu.br ; e-mail: editora@ufra.edu.br

**ASSOCIADAS DA REGIÃO NORDESTE****EDITORAUFC**

Editora da Universidade Federal do Ceará, CE  
21/02/1980, Técnico, científico e cultural  
www.editora.ufc.br ; e-mail: editora@ufc.br

**EDITORAUINIFACS**

Editora Unifacs – Universidade Salvador, BA  
Técnico, científico, artístico e cultural  
www.unifacs.br ; e-mail: editora@unifacs.br

**EDITUS**

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, BA  
1996, Técnico, científico e cultural  
www.uesc.br/editora ; e-mail: editus@uesc.br

**EDUECE**

Editora da Universidade Estadual do Ceará, CE  
24/09/1987, Produção Científica, Artística e Didática  
www.uece.br ; e-mail: eduece@uece.br

**EDUEMA**

Editora da Universidade Estadual do Maranhão, MA  
Técnico, científico, artístico e cultural  
www.uema.br ; e-mail: editorauema@gmail.com

**EDUEPB**

Editora da Universidade Estadual do Paraíba, PB  
1998, Saúde, Educação, Direito, Ciências e Tecnologia  
www.eduepb.uepb.edu.br ; e-mail: editora@uepb.edu.br

**EDUFAL**

Editora da Universidade Federal de Alagoas, AL  
1983, Científico, Literário e Cultural  
www.edufal.ufal.br ; e-mail: contato@edufal.com.br

**EDUFBA**

Editora da Universidade Federal da Bahia, BA  
1974, Técnico científico, cultural  
www.edufba.br ; e-mail: edufba@ufba.br

**EDUFCEG**

Editora da Universidade Federal de Campina Grande  
2005, Acadêmica, Universitária  
www.ufcg.edu.br/edufcg ; e-mail: edufcg@reitoria.ufcg.edu.br

### **EDUFPB**

Editora da Universidade Federal da Paraíba, PB  
Técnico, científico, artístico e cultural  
www.ufpb.br/editora; e-mail: livrariacasadolivro@hotmail.com

### **EDUFPE**

Editora da Universidade Federal de Pernambuco, PE  
1955, Técnico, científico, artístico e cultural  
www.ufpe.br/edufpe; e-mail: editora@ufpe.br

### **EDUFPI**

Editora da Universidade Federal do Piauí, PI  
Técnico, científico, artístico e cultural  
www.ufpi.br/editora; e-mail: ufpinet@ufpi.br

### **EDUFRB**

Editora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, BA  
Técnico, Científico  
www.ufrb.edu.br

### **EDUFRN**

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN  
16/12/1962, Técnico, científico, artístico e cultural  
www.editora.ufrn.br; e-mail: edufrn@editora.ufrn.br

### **EDUNEB**

Editora da Universidade do Estado Bahia, BA  
2006, Técnico, científico, artístico e cultural  
www.eduneb.uneb.br; e-mail: editora@listas.uneb.br

### **EDUPE**

Editora Universidade de Pernambuco, PE  
1999, Ficção, Ensaios, Documentários, Memoriais e Produção Acadêmica.  
www.upe.br; e-mail: edupe@upe.br

### **FDR**

Fundação Demócrito Rocha – Edições Demócrito Rocha, CE  
Literatura, História, Sociologia, Geografia e Literatura Infantil  
www.edicoesdemocritorocha.com.br; e-mail: albanisalucia@fdr.com.br

### **FUNDAJ**

Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, PE  
1980, Ciências Sociais  
www.fundaj.gov.br; e-mail: editora@fundaj.gov.br

### **IFRN**

IFRN Editora – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, RN  
2005, Técnico, científico, artístico e cultural  
www.ifrn.edu.br/pesquisa/editora; e-mail: editora@ifrn.edu.br

### **UEFS**

UEFS Editora – Universidade Estadual de Feira de Santana, BA  
2002, Técnico-científico e Cultural  
www.uefs.br; e-mail: editora@uefs.br

### **UESB**

Edições UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, BA  
agosto de 2002, Técnico-científicos, Periódicos, Didáticos e Artístico-literários  
www.uesb.br/editora; e-mail: editora@uesb.br

### **UVA**

Editora da Universidade do Vale do Acaraú, CE  
Técnico, científico, artístico e cultural  
**www.uvanet.br; e-mail: edilenebatista@hotmail.com**

### **EDUFMA**

Editora da Universidade Federal do Maranhão, MA  
1988, Técnico Científico e Cultural  
www.ufma.br; e-mail: edufma@ufma.br

### **EDUnP**

Editora Universidade Potiguar, RN  
2006, Técnico, Científico e Científico  
www.unp.br; e-mail: edunp@unp.br

### **SEGRASE**

Editora Diário Oficial - Serviços Gráficos de Sergipe  
28 de abril 2008, Técnico, científico, artístico e cultural  
www.segrase.se.gov.br; e-mail: suely.alvarenga@segrase.se.gov.br

## **ASSOCIADAS DA REGIÃO CENTRO-OESTE**

### **EDITORAUEMS**

Editora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, MS  
04/04/1993, Técnica, Científica, Didática e Cultural  
www.uems.br/proec/editora; e-mail: editorauems@uems.br

### **EDITORAUFGS**

Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS  
1993, Científica, Didática e Cultural  
www.editora.ufms.br; e-mail: conselho@editora.ufms.br

### **EDUFGD**

Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, MS  
outubro de 2006, Sociopolítico e Cultural  
www.ufgd.edu.br/editora; e-mail: editora@ufgd.edu.br

### **EDUFMT**

Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, MT  
30/12/1993, Científica  
www.ufmt.br/edufmt ;e-mail: edufmt@cpd.ufmt.br

### **EMBRAPA**

Embrapa Informação Tecnológica, DF  
22/8/2001, Pesquisa Agropecuária  
www.sct.embrapa.br/liv; e-mail: marketing@sct.embrapa.br

### **UCB**

Editora Universa – Universidade Católica de Brasília, DF  
1996, Técnico, científico, artístico e cultural  
**www.editora.unb.br; e-mail: universa@ucb.br**

### **UCDB**

Editora UCDB – Universidade Católica Dom Bosco, MS  
20/09/1996, Científica e Técnica  
www.ucdb.br/editora

### **UCG**

Editora da PUC – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO  
06/01/1986, Científico e Acadêmico  
www.ucg.br/editora

### **UFG**

Editora da Universidade Federal de Goiás, GO  
1977, Científico, Técnico e Literário  
www.editora.ufg.br; e-mail: editora@editora.ufg.br

### **UNB**

Editora Universidade de Brasília  
abril de 1961, Científico e Cultural  
www.editora.unb.br e-mail: contato@editora.unb.br

### **LL**

Editora Letras Livres, DF  
1999, Científico e Cultural  
www.anis.org.br e-mail: letraslivres@anis.org.br